REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DIRECTORES
PANDIÁ CALOGERAS, AFRANIO PEIXOTO,
ALFREDO PUJOL e PLINIO BARRETO

REDACTOR-CHEFE
RODRIGO M. F. DE ANDRADE
Redacção e adm. — Rua Rodrigo Silva, 14. 1º

NESTE NUMERO:

Um prefacio — Oswald de Andrade
Antonio José e a Inquisição — Lucio d'Azevedo
Cantico do Sol — Augusto de Lima
Evocação do Recife — Manuel Bandeira
A viagem — Gastão Cruls
A intelligencia brasileira — Renato Almeida
Crise mundial de autoridade — Cyro de Freitas Valle
Ernesto Nazareth — Mario de Andrade
O Brasil e o morro da Mangueira — José Clemente
Madame Renon — Ribeiro Couto
Chronica Juridica — Levi Carneiro

Notas por António de Alcântara Machado, Manuel Bandeira, Affonso Arinos (sobrinho), Teixeira Soares e Esmeraldino Olympio.

ANNO I — NUMERO 6 — 30 — NOVEMBRO — 1926 — RIO DE JANEIRO

"A Revista do Brasil"

E' a publicação que conta entre nós com o maior numero de collaboradores illustres e, ao mesmo tempo, a que se vende mais barato

Numero avulso	*$700*
Assignatura annual	*16$000*
Tomada conjuntamente com a do "O Jornal" ou "Diario da Noite"	*12$000*

xxxxxxxxxxxxxxxx

Redacção e Administração:

Rua Rodrigo Silva N. 14 (1.º andar)

RIO DE JANEIRO

Compare o Trabalho

TYPEWRITERS

As experiencias de peritos mechanicos e dactylographos de todo o mundo hão demonstrado de forma concludente que em qualquer periodo de tempo, a "ROYAL„ é a machina de escrever cujo funcionamento requer o minimo gasto de energia. Por comparação a "ROYAL„ prova a sua superioridade.

Peça uma demonstração sem compromisso á

Casa Edison

OUVIDOR 135 RIO DE JANEIRO

OPILAÇÃO-AMARELLÃO

Incrivel, mas...

é verdade: ainda 70 % dos Brasileiros são Opilados!
É pois um acto de patriotismo apprender e ensinar que n'um só dia, uma só dose de

NECATORINA-MERCK-

mata os vermes da opilação

A „*NECATORINA*" é o mais barato dos tratamentos contra o „**Amarellão**," pois é remedio que não se compra duas vezes; com uma só dose se alcança a cura completa, sem ser, em geral, necessario o purgante reclamado sempre por outros vermifugos. A „*NECATORINA*" não tem gosto nem cheiro visto ser em fórma de capsulas gelatinosas pequenas, molles, faceis de serem tomadas; o seu emprego não exige dietas longas, nem resguardo, nem cuidados especiaes.

A „*NECATORINA*" producto allemão é o especifico da Opilação adoptado pela „SAUDE PUBLICA": é o proprio *tetrachloreto de carbono purissimo* **MERCK**, de fama mundial.

Necatorina-MERCK

A' VENDA EM TODAS AS DROGARIAS E PHARMACIAS!

DEPOSITARIOS = DAUDT, OLIVEIRA & CIA. RIO DE JANEIRO

Revista do Brasil

ANNO I — RIO DE JANEIRO, 30 DE NOVEMBRO DE 1926 — NUMERO 6

SUMMARIO

Politica.
Um Prefacio — Oswald de Andrade.
Antonio José da Silva e a Inquisição — Lucio d'Azevedo.
Cantico do Sol — Augusto de Lima.
Evocação do Recife — Manuel Bandeira.
A viagem — Gastão Cruls.
A intelligencia brasileira — Renato Almeida.
Crise mundial de autoridade — Cyro de Freitas Valle.
Ernesto Nazareth — Mario de Andrade.
O Brasil e o morro da Mangueira — José Clemente.
Madame Renon — Ribeiro Couto.
Chronica Juridica — Levi Carneiro.
Theatro e Musica — António de Alcântara Machado e M. B.
Literatura — Affonso Arinos Sobrinho, Manuel Bandeira, Teixeira Soares, Esmeraldino Olympio.

POLITICA

Consignam as chronicas parlamentares que as duas camaras do Congresso entraram numa certa modorra, como expediente pratico contra tentações. Não tendo ainda o governo novo dado a deixa, sobre os assumptos pendentes de deliberação da soberania nacional, nem sobre os que vão pender e já andam, vagamente, no ar, os nobres deputados e os venerandos senadores têm por melhor uma abstenção prudente e discreta. Sem saberem o que se lhes vae dar a fazer, preferem, muito louvavelmente, não fazer nada, não dizer coisa alguma.

São, portanto, de inercia absoluta os dias decorridos de 15 de novembro a esta parte e, egualmente, de silencio, de mudez. Cada congressista é uma estatua de sal ou lá do que fôr — a materia prima não tem importancia — e a respectiva bocca um botão, dos de abotoar e não desses que desabrocham e abrem em flor.

Não ha como louvar bastante tamanha prova de patriotismo, nem como agradecer tal serviço, o mais relevante que os legisladores actuaes podiam prestar ao paiz e á patria legislação. Faz, assim, o Congresso, de seu motu proprio, o que, de ordem dos seus prudentes progenitores, fazia aquelle petiz da anecdota — ficar quieto, para não fazer tolice.

× × ×

Essa linha de conducta foi, porem, alterada pela commissão de finanças do Senado, ao que parece, não por maldade, justiça se lhe faça, mas por haver entendido que certos assumptos escapam áquelle regimen de cautela, podendo ser tratados, independente do governo, sem ordem sua, por só interessarem ao proprio legislador. O subsidio foi considerado nessas condições e á resolução que o eleva a quasi o dobro, de 125$ a 200$, por dia, foi dado o devido andamento.

Ha quem diga que tambem ao contribuinte, suarento, escorchado e esquecido, affecta um boccado ter de pagar mais ou pagar menos, para a musica. Isso, porem, não passa de superstição, visto que o que

está assentado, de facto e de direito, é que contribuinte paga o que se lhe determinar, não sendo da sua conta o quanto tem de pagar, porque e para que.

Tudo isso bem ponderado e mais, levada em conta a urgencia de resolver o caso, porque só resta um mez de sessão, o senador Bueno, ex-leader do Senado, mas leader effectivo das prodigalidades orçamentarias e extra-orçamentarias, fez andar o projectado augmento, na zelosa commissão technica, da qual foi principal ornamento, até que, com a mudança de presidente da Republica, outro ornamento passou a ser o principal.

Apesar do abnegado desinteresse com que o Sr. Bueno Brandão fez sentir aos outros financistas da commissão que estava por tudo e redigiria o parecer como elles decidissem, a 125$, 150$, ou 200$ diarios, os 200$ prevaleceram pelo voto um pouquinho menos que unanime da commissão.

× × ×

Quasi não houve debate, tendo bastado uma simples troca de idéas, tudo levando a crer que toda essa facilidade serena e amistosa deve-se á providencial interposição do notavel modo de pensar do notabilissimo senador bahiano, Pedro Lago. Ao dar o seu voto á favor dos 200$, explicou elle que o fazia, alem de outras razões, por esta principal — de ser necessario dar aos membros do Congresso Nacional uma situação de... maior respeito.

Não vão suppôr que é blague. Está em letra de fôrma, na columna dos jornaes onde se insere a resenha dessa memoravel sessão da commissão de finanças do Senado.

Não é blague e o argumento, decisivo para aquella douta parcella do Senado, envolve uma profunda verdade. Os deputados e senadores, á rasão de 200$ diarios de subsidio, vão ficar, evidentemente, em situação de muito mais respeito. Basta ver quanto ficou mais respeitado e respeitavel o Sr. Pedro Lago, só com haver produzido esse portento de dialectica, um verdadeiro achado. Agora, ao vel-o passar, não falta quem o aponte aos que não o conhecem: — Aquelle... aquelle é um senador de respeito...

× × ×

Tirante do subsidio, só as eleições de renovação da legislatura estão interessando aos legisladores. Não as eleições, propriamente, ficção a que ninguem liga. O que preoccupa é saber o que vae mandar dizer, nesse sentido, o governo ao voto popular, qual nominata dos novos senadores e deputados mandada, por quem de direito, ao sufragio nacional, para os devidos fins.

Nesse particular os illustres representantes dos Estados, no Senado, e os da soberania nacional, na outra camara abstêm-se de aventurosas iniciativas. Esperam ou, quando muito, não traçando planos de conchaves, que facilitem as coisas, dirimindo rivalidades.

Tudo, porem, bem entendido, dependendo de instancia superior, a elles e ás urnas livres.

OBJECTO E FIM DA PRESENTE OBRA

(SERAFIM PONTE GRANDE)

Quem conta com a posteridade é como quem conta com a policia.

Aliás a minha finalidade é a critica. A obra de ficção em minha vida, corresponde a horas livres, em que estabelecido o cahos creador, minhas theorias se exercitam com pleno controlo.

O que é a obra de arte? Phenomeno social ou anti-social. Cyclos. Caracter collectivista, caracter individualista. Classicismo e pesquiza. Romantismo e decadencia.

O academismo não existe. Surpresa para os que acreditam que o Brasil tem uma pintura desde o pic-nic transatlantico de Dom João 6.º.

Paradoxo que reforça a vida. Como um assovio que se assovia. Tóca de solitarios. Gôzo de anarchistas. Escola Publica. Hymno nacional. Confessionario. Obra de arte.

Ha os periodos de inquietação. Gravidez. Detectives. De hemorrhagia. Ha os periodos de quietação. Rendas. Hematose. Equivocos para acabar de accordo. Didactismo. Cooperativa das lagrimas. Caixa mutua da humanidade onanista.

O novo mundo produziu o homem serafiniano cujo eixo é a riqueza mal adquirida.

In illo tempore, uma madona de Rafael que até dá nauseas, constituia fenómeno vivo, localizado na columna vertebral da humanidade. Hoje, um compasso de Leger penetra na nossa medulla.

No mundo actual, Serafim traz duas razões: o bom cambio e a ignorancia audaz. Bisnéto do conquistador, avesso do bandeirante, é o filho pródigo que intervem na casa paterna porque viu mundo, travou más relações e sabe coisas exquisitas. Choque. Confusão. Regresso inadatável.

O que é que faz a obra de arte differente de uma opera de Carlos Gomes? Não ha regras. É sempre differente.

Os retardatarios — você com certeza, leitor — pensam que têm gosto porque aprenderam umas coisinhas. São os mantenedores do gosto. O que sahe das coisinhas é de mau gosto. Mas nós endossamos o mau gosto e recuperamos para a época o que os retardatarios não tinham comprehendido e diffamavam.

Transponho a vida. Não copio egualzinho. Nisso residiu o mestre equivoco naturalista. A verdade de uma casa transposta na téla é outra que a verdade na natureza. Póde ser até opposta. Tudo em arte é descoberta e transposição.

O material da litteratura é a lingua. A aphasia da escripta actual não é perturbação nenhuma. É phonographia. Já se disse tanto. A gente escreve o que ouve — nunca o que houve.

De resto, achar a belleza de uma coisa é apenas aprofundar o seu caracter.

O Brasil immigrante começou por traz. Cópia. Arte amanhecida da Europa requentada ao sol das costas. Os annuncios maldireitos de uma legislação romantica nacional.

Serafim é o primeiro passo para o classicismo brasileiro.

OSWALD DE ANDRADE.

ANTONIO JOSÉ DA SILVA E A INQUISIÇÃO

I

O assunto dêste estudo já foi diferentes vezes versado. O teatro e o romance, a história da literatura e a particular do Santo Ofício têm-se ocupado dêle. Dos dois primeiros géneros pode dizer-se que, nas obras publicadas, qualquer que seja o seu mérito em outro sentido, tudo ou quasi tudo é ficção. No que respeita propriamente a historia, o que ha feito admite ainda aditamentos, com que fique mais completa a biografia do escritor.

* * *

As frotas, que em 1710 e 11 e 12 chegaram do Brasil, no mês de Outubro, como era costume não trouxeram a Portugal sómente as cargas de açucar, tabaco e pau de tintura, e o ouro em barra e amoedado: em cada uma delas vinha tambem, dividido pelas naus, um troço de presos para o Santo Ofício.

Nêsses anos fatídicos a fúria contra os cristãos novos assolou realmente o Brasil. A perseguição, na afastada colónia, manifestava-se por intermitências frenética actividade e longos periodos de modorra. A intervalos, ás vezes de muitos anos, o Conselho Geral nomeava um Visitador, que fazia a volta pelas Ilhas do Atlântico, Brasil e Angola, recebia as denúncias, preparava os processos, e, ora remetia os inculpados á Inquisição de Lisboa, ora, em casos de menor gravidade, as julgava nos próprios lugares.

Assim foi em 1591 e 1618, e de ambas as visitas se conhecem só parcialmente os resultados, por se achar incompleto nesta parte o arquivo da Inquisição. Sabe-se todavia que, quando o Visitador de 1618 chegou ao Rio de Janeiro, se estabeleceu o pânico na família dos cristãos novos, e muitos se refugiaram em Buenos Aires. Em 1627 esteve na colónia outro Visitador que tambem o era para Angola e Congo. Dêsse nada mais chega ao nosso conhecimento que o acto de nomear um Tesoureiro do Fisco, para arrecadar os bens dos presos, sinal de que seria grande o numero dêstes e o valor das propriedades confiscadas. Nas precedentes visitações não existia o cargo ainda.

Mais tarde, ao começarem as guerras holandesas, encontrava-se em Pernambuco um Visitador, monge dominicano, de quem dá noticia, Frei Manuel Calado, no *Valeroso Lucideno;* mas nem o historiador menciona, nem de outra parte se colhem particulares sobre os procedimentos dêste zelador da fé.

Na ausência dos Visitadores representavam o Santo Ofício os comissários que o Inquisidor Geral designava. Acaso seria um dêsses o frade a que se refere Frei Manuel Calado, e não próprio Visitador. Mas as atribuições de tais delegados eram limitadas, e geralmente frouxa a sua acção, pelo que os judaizantes viviam no ultramar em relativa segurança.

O *Valeroso Lucideno* alude a número avultado e arrogância dos judeus, que habitavam Pernambuco; mas deve-se ter em vista que o autor escrevia passada a guerra, e com o explicável rancor de quem presenciava a deserção dos cristãos novos da terra para o flamengo inimigo, e a invasão dos que vinham de Holanda, sedentos de represália.

Após a Restauração e durante a guerra com os holandeses, alguns judeus de Pernambuco foram trazidos a Lisboa, tres dos quais apareceram no auto de 1647, um dêles queimado vivo, porque, sendo cristão de baptismo, perserverou até o fim na apostasia. Os dois outros, confessos e arrependidos sairam com as leves penas de penitência costumadas. Muitos mais, prisioneiros em combate, eram pelos Inquisidores restituidos á liberdade, porque, nascidos fóra de Portugal, não se lhes podia provar que fossem baptizados e houvessem apostatado.

Seguiram-se tempos agitados para o Santo Ofício. No reinado de D. João IV conflito com a

corôa, pela dispensa dos confiscos, concedida aos judaizantes, em virtude do contrato para a Companhia do Brasil, de que eram acionistas os cristãos novos. Na Regência de D. Pedro, o conflito, mais grave, com a Santa Sé, a propósito da amnistia e reforma dos estilos da Inquisição, que os cristãos novos reclamavam, conflito de que resultou a suspensão dos actos do tribunal espaço de sete anos, de 1674 a 1681. Ainda depois disso, e até o fim do século, os Inquisidores, entretidos com a liquidação do passado, e negócios correntes na metrópole, deixavam em sossêgo a remota América.

Nessa época, devia ser aprazivel a vida no Rio de Janeiro, onde residia o maior numero de cristãos novos, e foi por isso mais brava a perseguição. Clima suave, que predispõe á indolência deleitosa; terra úbere; arvores que frutificam em todo o tempo, flores que todo o ano adornam os jardins. Nas grandes calmas o refúgio da mata, convizinho das habitações. Dentro destas aquele conjunto de luxo e frugalidade, tão vulgar na vida colonial. Ás mulheres não faltariam as sedas, os veludos, os bordados, as espiguilhas de prata e ouro, nem o figura da moda que cada ano as frotas levariam do Reino. Nem as joias onde já talvez o ourives da terra encastoasse a furto no ouro brasílico alguma pedra colhida na Serra das Esmeraldas. A copiosa escravatura doméstica facilitava o viver descansado, a que os ares inclinavam, e nas casas abastadas supria com sua indústria muito do que agora nos fornece a loja e a oficina.

Na população a gente principal fazia dois agrupamentos, separados por origem e condições de existencia: os funcionarios, na maior parte idos da Europa, aristocracia prepotente, arrogante no trato e desdenhosa dos administrados; a burguesia, reinol ou nativa que se ocupava na agricultura, no comércio, e nas chamadas profissões liberais. A esta pertenciam os cristãos novos, de que alguns, como na metrópole, mandavam os filhos estudar leis ou medicina em Coimbra, ou os introduziam nas ordens religiosas. E não se estranhe vermos agricultores no Brasil aquelles que na Europa foram sempre acusados de se furtarem ao trabalho da terra. A lavoura, além do Atlântico, era uma exploração industrial, de que o negro fornecia a matéria prima. Sem êle não haveria açucar, e desaparecia a indústria.

Os senhores de engenho e lavradores viviam geralmente nas fazendas, mas os de mais posses tinham casa na cidade, aonde vinham passar as festas, ou por ocasião de solenidades de familia. Foi uma destas que aí por 1698 reuniu companhia numerosa na habitação de José Gomes da Silva, contratador dos dizimos do tabaco. Era a das bodas de uma sua filha, Catarina Marques, nêsse dia casada com o senhor de engenho Manuel de Paredes. Sogro e genro, pessoas das mais opulentas da terra. O banquête, dizia-se na assistência, importara em dois mil cruzados. A casa, pejada de amigos e parentes, de que, passados anos, uma dama convidada recordava os nomes por dezenas; e, se é certo o testemunho nem um só dêles estranho á raça dos cristãos novos, da qual tambem provinham os nubentes.

O negócio de arrematar os impostos era, como se sabe, monopólio cerrado da gente hebraica, e um dos grandes motivos da hostilidade, que contra ela nutria o povo. Entre os convidados havia senhores de engenho; lavradores que cultivavam em terras suas a cana de açucar, e a mandavam a moenda alheia; os chamados homens de negócio, fornecedores do Estado e negociantes de grosso trato; outros de menos crédito e importância na classe; e finalmente médicos e advogados. Todos, como fica dito, de ascendência hebraica, todos, segundo a mesma testemunha, adictos ás praticas que se tinham por sinal do judaismo.

Certo episódio do banquete havia de ser fatal a muitos dêles. Estavam os convivas separados ao uso da terra em duas salas; cada um dos sexos na sua. No final da comida reinava a alegria; faziam-se saudes; uma das mulheres, alçando o copo, propôs, não sem malícia, que todas bebessem o sangue de Cristo. Nêsse momento já os negros e mulatos, acabado o serviço das mesas, tinham deixado a sós os comensais; mas achava-se presente Catarina Soares Brandão, moça solteira, nascida no Reino, e estranha ainda aos usos do judaismo. A essa pareceu ver no convite um jeito escarninho. Nisto uma voz se levanta: — Todas aqui somos da nação e só aquela perra perdigueira não é!

Voltam-se os olhos todos para a intrusa que, dorida do remoque, pregunta a razão de lhe chamarem perra. Tornnam-lhe que é preciso ser *ou toda cristã nova ou toda cristã velha;* judia de nascença não se pode salvar na lei de Cristo. Ela, inocente ou dissimulada, pede explicações. E então, falando muitas a um tempo, qual delas mais empenhada em converter a infiel, exortam-na a observar a lei escrita, dada por Deus a Moisés. Para isso havia de seguir os preceitos: não comer as viandas proíbidas, carne de porco, toucinho, coelho, lebre e peixe de pele; vestir-se de lavado nas sextas feiras á tarde; não trabalhar nos sábados; varrer a casa ás avessas dos cristãos, isto é de fora para dentro e não de dentro para fora; jejuar em certos dias e adoptar os usos pelos quais se davam a conhecer entre si os da seita.

Entretanto havia terminado o banquete dos homens, que, vindo á sala, ouviram o que era passado com a neófita, e a satísfação foi geral. O proselitismo com os da raça escolhida é obra grata a Israel. Com o sucesso, maior foi nas almas crentes o júbilo do dia das núpcias.

Na de Catarina Brandão haveria tambem o quer que fosse de tendência herdada, que lhe im-

pediu o resistir á sugestão. Foi uma conversão repentina, e por bastante tempo, como confessou no Santo Ofício, uma adesão perfeita á nova fé. Isso lhe atraíu simpatias e provavelmente alguma protecção da gente rica, com quem emparceirava no sentimento religioso. Natural de Lisboa, tinha ido para o Brasil de onze anos em companhia da mãe viuva, que apoquentada de crédores na metrópole, pôde, com os lucros de uma lojinha, medrar na colónia e desvincilhar-se das dívidas. A filha, ao cabo de algum tempo, casou e tornou a Portugal com o marido, negociante.

Passados dez e doze anos vamos encontrar alguns convivas do banquete nupcial arrancados de seus lares, despojados do que possuiam, e revestídos do habito dos penitenciados no trabalho dos autos da fé em Lisboa. Acaso nenhum dêles se lembraria então da festa, nem da mocinha convidada, nem do episódio da conversão. O certo é que nenhum em suas declarações menciona a criatura nem o facto. Da mesma sorte no festim ninguem fala, e todavia a ocasião dêle foi a data fatal em que para muitos a era do infortúnio se abriu; para êles e para uma seguinte geração de infelizes; alguns que no tempo balbuciavam sómente, outros ainda por nascer.

* * *

Em 1710, no mesmo ano em que foi o Rio de Janeiro devastado pela expedição do corsário Duclerc, estalou tambem lá a perseguição aos cristãos novos, não menos perniciosa aos ricos da colónia. Varnhagen, na *História Geral do Brasil,* infundadamente atríbue ao Bispo D. Francisco de S. Jerónimo a responsabilidade, se não a iniciatíva, das violencias. É possivel, e até provável, que á vigilância do prelado não passasse despercebido o que era de conhecimento comum. Mas a verdade é que desta vez, como quasi sempre, foi dos cárceres do Santo Ofício, no Reino, e pelas denúncias encadeadas de indivíduos presos, que partiu e alastrou a perseguição.

Vimos como dêsde o tempo de D. João IV a Inquisição deixara em sossêgo os cristãos novos do Brasil, para onde aliás mandava penitenciados a cumprirem degredos. Após um periodo assás longo de silêncio nas listas dos autos da fé, aparece-nos pela primeira vez em 1705 um réu oriundo da colónia: Francisco Gomes da Silva, de 25 anos, natural do Rio de Janeiro, que abjurou em forma o judaismo em Evora. Seguiu-se, em 1707, Teresa Bezerra, de 20 anos, natural de Olinda, e penitenciada em Lisboa, onde residia dêsde a infância. Só em 1709 figuram em auto delinquentes transportados do Brasil: cinco da Baía e sete do Rio de Janeiro, uns naturais da colónia, outros do Reino, todos porém acusados por testemunhas residentes em Portugal, parentes próximos e amigos, que respondiam em processo próprio.

Para os crimes da alçada do Santo Ofício não existía a prescrição, e a distância no tempo não apagava a culpa, como nem sempre inibia da pena a distância no espaço. Actos e palavras da adolescência purgavam-se na idade madura; e a ausência, sendo para dominios portugueses ou de Espanha, não oferecia mais que uma segurança falível. De pessoa em pessoa, de terra em terra, o fio das denúncias alongava-se, e tocava por fim inesperadamente o incauto. Dêste irradiava para os seus próximos, e á volta dêle a peste do judaismo surgia fazendo vítimas, como os contágios das doenças físicas. Foi o que sucedeu com a perseguição aos brasileiros no século XVIII.

Na corrente dos procedimentos judiciarios que conduz ao caso último de Antonio José da Silva, é possivel encontrar primeiro e remoto elo. Em 1703 achavam-se presos na Inquisição de Lisboa Gabriel Lopes Pinheiro, negociante, e sua mulher Joana Pereira de Medina, de nascimento espanhola. Das confissões de ambos resultou sair indiciado Francisco Gomes da Silva, fluminense, grande amigo e sócio de Gabriel Lopes. Por um acaso não raro nos anais do Santo Ofício, alguem de dentro preveniu a Francisco Gomes do que havia contra êle, e o aviso deu-lhe tempo de buscar na fuga a salvação. Homiziou-se em casa do Ministro de Holanda [1], passou ao Algarve, e dispunha-se a embarcar para algum país do Norte quando foi preso em Faro. De lá o trouxeram á Inquisição de Evora, onde o julgaram, e saíu no auto de 22 de Março de 1705, confesso de culpas de judaismo, reconciliado com a Igreja e penitenciado.

Do processo, como sempre, outros processos derivaram. O réu era irmão daquela noiva em cujas bodas, no Rio de Janeiro, se dera o episódio da conversão atrás referido; e nas suas declarações, mencionando a várias pessoas, acusou a três, igualmente convivas do banquete: Agostinho Lopes Flores, negociante, Alexandre Soares Pereira, senhor de engenho, e o médico Francisco de Sequeira Machado. Um irmão do delator, mais novo que êle, estudante, que estivera tambem no festim, ao ter notícia de que aquêle fôra preso, evadíu-se para o Brasil. Os três fôram trazidos do Rio, e penitenciados no auto de 30 de Junho de 1709 em Lisboa. A rede ia alargando o longo, além do oceano, e não tardou a frutuosa colheita.

---

[1] O judeu Jacob Abrãão de Belmonte, que usava o nome de Francisco van Schoonenberg, traduzindo a neerlandês o apelido que lhe denunciava a orígem.

Estes primeiros réus não foram detidos pela denúncia de Francisco Gomes da Silva unicamente. A excepção de certos casos especificados nas instruções aos Inquisidores, um só testemunho não era motivo de procedimento. Transmitidas as declarações do preso de Evora ao Conselho Geral, ficaram no arquivo, á espera de novos indícios; mas sobreveio em breve o segundo depoimento, que pôs a mover-se a máquina da repressão. Reaparece a *pêrra perdigueira* da festa nupcial; a néofita de 1698 dá provas de possuir excelente memória.

Catarina Soares Brandão tinha vindo, como sabemos, para Lisboa com o marido. Essa que não esquecera o famoso banquete, nem a scena da iniciação, agora, perto dos Inquisidores e á vista dos autos da fé, vivia no permanente susto de qualquer revelação. Ao saber que um dos penitenciados de Évora era o mesmo Francisco Gomes da Silva, que conhecera no Rio de Janeiro; e que, conviva do banquete, podia te-la denunciado, tomou-a pânico invencível. Os delinquentes, que se apresentavam a confessar no Santo Ofício, podiam evitar a prisão, não lhes eram confiscados os bens, e recebiam em segrêdo as penitências, sem o escândalo do auto público. O necessário era que a confissão fosse cabal, e todos os cúmplices nomeados. Certa disso, Catarina Brandão correu, na manhã de 15 de Maio de 1706 a casa do Inquisidor Paulo Afonso de Albuquerque, e declarou seu propósito de confessar culpas de judaísmo. Respondeu-lhe aquele que só a podia ouvir no tribunal, e a mandou apresentar-se nos Estans, onde hoje é o Teatro Nacional, séde do Santo Ofício, residência de alguns Inquisidores, e lugar dos presos até o auto da fé. Ali, espavorida ainda, na primeira audiencia do mesmo Inquisidor que procurara, contou a sua história, descreveu a scena das bodas, enumerou os convidados. Nome por nome, comprometeu a cincoenta e cinco. Depois confessou as próprias culpas, e sua adesão, por inexperiência dos anos, á fé dos antepassados; e como prova de arrependimento — naquele juizo a mais valiosa — instigada pelo Inquisidor, que exigia revelações completas, nomeou ainda vinte e quatro pessoas, das que tinham assistido ás núpcias. Homens, mulheres, adolescentes, alguns quasi na puerícia, de tudo havia no rol. E foi esta criatura, de todos esquecida, pois que em tantos processos, do seu derivados, ninguem pronunciou acusação contra ela a que deu o primeiro impulso á perseguição, de que mais tarde foi vítima o autor das óperas do Bairro Alto. Tão bem memoriada, tão impetuosa de loguela, que ainda cinco anos depois, a ultima vez que compareceu no tribunal, pôde nomear setenta e seis pessoas, com quem tinha praticado de cousas de judaismo, e entre essas, cinco que conhecera no Brasil.

Não é fácil, no amontoado de processos, alguns deficientes na parte relativa ás denúncias que determinaram as prisões, destrinçar em todas a sequencia exacta dos indícios acumulados. É possivel entretanto faze-lo para o caso actual. Sabemos que, por testemunnho do preso de Évora, Francisco Gomes da Silva, foi inculpado o médico Francisco de Sequeira Machado, que saíu no auto de 1709; êste acusou a João Alves Figueira, advogado, penitenciado em 1711, o qual por seu turno denunciou a João Mendes da Silva, pai de António José, sôbre quem havia já o testemunho de Catarina Brandão. Dois outros depoimentos, de pessoas do Brasil, precederam o mandado de prisão, passado em 24 de Fevereiro de 1711.

A mãe do poeta, Lourenço Coutinho, foi presa por mandado, onde se lê a data de 20 de Fevereiro de 1710. De 1710? Ha toda a razão de impôr que o escriturário se equivocou, pondo aquele numero por 1711. Primeiramente era contra as praxes do Santo Ofício, prender alguem por um só testemunho acusador — e não havia mais então —, salvo em casos especiais, de que as circunstâncias se não davam com Lourenço Coutinho. Em segundo lugar não se explica que entre a ordem para a detenção e a chegada a Lisboa decorresse o tempo que vai de Fevereiro de 1710 a Outubro de 1712, dois anos e oito meses, tardança que não se encontra nos demais processos desta série. Por último a coincidência da ordem relativa a João Mendes. Mulher e marido foram mandados vir e vieram na mesma ocasião; aquela por escrito de 20, êste de 24 de Fevereiro de 1711: e sendo assim, como parece, tinha já contra si Lourenço Coutinho quatro depoimentos além do de Catarina Brandão, dados os dois mais recentes, no próprio dia em que foi decretada a prisão. Três das testemunhas, Diogo Lopes Flores em 30 de Novembro de 1711, Manuel do Vale da Silveira em 17 de Janeiro de 1711, e João Alvares Figueiró no referido dia 20 de Fevereiro, são tambem os que ministravam fundamento para a detenção de João Mendes da Silva, acusando conjuntamente marido e mulher.

Chegaram êstes a Lisboa em Outubro de 1712; João Mendes a 10, passageiro da nau *Madre de Deus;* Lourença Coutinho a 11, a bordo da *Candelária.* Tres filhos mennores, Baltasar, de doze anos, André, que tinha dez, e Antonio, o futuro comediógrapho, de sete, não se sabe a cargo de quem viessem. Plausívelmente em companhia da mãe, separando-se em Lisboa, e recolhidos talvez pela tia, D. Maria Coutinho, que viera antes, e fôra penitenciada no auto de 1711 com o marido, Miguel de Castro Lara. Na mesma frota, e presos igualmente, vinham cinco irmãos de João Mendes — eram doze na familia —, e a sogra, cunhados, sobrinhos, primos; uma investida terrífica contra os Mendes da Silva e Coutinhos.

O pai de António José tinha então cincoenta e sete anos. Nascera no Rio de Janeiro, filho de André Mendes da Silva, negociante, natural do

Crato, no Alentejo, e de Maria Henriques, de Lisboa. Dizia-se cristão velho, afectando ignorar a mácula do sangue, na mulher, assás indicada pelo suspeitoso apelido de Henriques, que a cada passo se encontra nas listas dos autos da fé. A inquirição sôbre a ascendência, que se fez no Crato, saíu-lhe desfavoravel. O pai não era lá conhecido; mas todas as testemunhas se recordavam de ter havido na terra muitos Mendes sabidamente cristãos novos, e alguns dêles relaxados, isto é condenados á última pena. Adiante, no correr do processo, João Mendes abandonou a pretenção de sangue limpo; e se, no primeiro interrogatório, afirma ter-se por cristão velho, quando chega a hora das confissões, e os irmãos são por êle denunciados, declara-se ignorante, e deixa de insistir no catolicismo da estirpe.

Não ha dúvida que na família existia a preocupação justificável de fazer esquecer a origem suspeita, em todo o tempo perigosa. João Mendes tínha um irmão clérigo, presbítero do hábito de S. Pedro; e êle próprio estudara teologia em Coimbra, e se formara em canones. Tambem tio paterno fora clérigo de S. Pedro. Do lado materno encontramos outro tío que, tendo sido Escrivão das execuções fiscaes na Baía, enviuvou e se fez religioso; e religiosos igualmente, foram dois filhos seus. Terceiro tio, pintor de ofício e lavrador, no Rio de Janeiro, casou três vezes e teve de cada consórcio um filho frade. Sete filhos gerara uma tia, casada com Manuel Jorge Feijão, cirurgião no Rio de Janeiro, e professaram dois dêles na religião do Carmo. Parece mais que provável serem as vocações religiosas artes de afastar dos próprios e da restante parentela a desconfiança dos católicos. Recurso frívolo, porque a consanguinidade de tantos eclesiásticos não impediu que parentes em todos os graus fossem trazidos da América aos autos da fé.

Em João Mendes da Silva as aparências exteriores eram de extreme católico, atento ás prátícas de onde seria lícito aferir o fervor da crença. Assíduo á missa, confessava-se e comungava a curtos intervalos; ensinava a doutrina aos escravos, assim no engenho como na casa da cidade; e zelava que assistíssem á missa dominical. Por defesa, em ocasião das trovoadas, mandara afixar nas portas e janelas certa oração latina, que tínha a virtude de afastar os raios.

Até aqui o que todos podiam verificar. De feição mais íntima contava ser costume seu rezar todas as noites a ladaínha antes de recolher-se á cama; e que, nas horas vagas da vida forense e da administração do engenho, se dava a trabalhos literarios de caracter místico. Dêsses fôra uma vida de Cristo — «dividida em três partes segundo os mistérios do Rosário», referiu êle aos Inquisidores — e a tradução em verso português de várias preces rituais, usadas em latim na igreja. Da existência destas obras sabemos sómente pela informação do autor, e os escritos sumiram-se talvez no borborinho doméstico, efeito da prisão de ambos os cônjuges.

Tudo isto, que devia comprovar os sentimentos católicos de João Mendes, foi escurecido pelas confissões posteriores. Havia trinta anos — acabou por declarar — que, sendo estudante, o tinha instruido um primo nos ditos judaicos, e desde então os tinha sempre praticado. Por tal motivo a sentença dos Inquisidores o designou por hereje e afastado da fé católica, a contar de 1683. Mas que prátícas eram essas? As mesmas que duzentos anos seguidos e só com leves discrepâncias todas as confissões nos deparam: jejuns, abstinências, rezas judaicas — eram taís considerados o Padre Nosso, sem o nome de Jesus depois do *Amen*, e os salmos de David sem lhes acrescentar um *Gloria Patri* — e o nefando acto de pôr nos sabados camisa lavada. Todas as quais acções, e algumas outras, constavam dos editais que uma vez cada ano os Inquisidores publicavam, e eram sabidas pelo contexto das sentenças, escutadas por milhares de pessoas nos autos da fé. Por êste modo, tanto podiam corresponder as declarações a factos positivos, como ser a rotina conhecida em que a necessidade de concordar com as acusações colocava o incriminado. *Negativo*, segundo a qualificação juridica, se teimava em afirmar a sua fidelidade ao cristianismo, *diminuto* quando não mencionava os cúmplices que lhe atribuiam, especialmente sendo parentes próximos, em qualquer dos casos o esperava a morte. Por cumplicidade entenda-se a prática em commum dos actos litúrgicos, ou a reciproca declaração de crença na lei de Moisés. A defesa consistía portanto em se confessar o réu culpado, e nomear tantas pessoas quantas as de que podia suspeitar a acusação. E como, na incerteza, os nomeados tinham de ser muitos, assim se explicam as razias que abrangiam familias inteiras, e ás vezes quasi despovoavam terras.

Sabido isto, não se estranhará que os depoimentos nos processos poucas vezes deixem a impressão da verdade límpida. Comparando-os entre si verifica-se que nos acidentes, onde a genuidade melhor se nos demonstraria, raramente coíncidem. Em regra os actos denunciados são vagos, os tempos incertos, os lugares flutuantes, e os notários, pelo hábito, tudo reduzem a uma espécie de formulário, que sem repugnancia visivel dos declarantes vão lançando nos autos. Certamente que a maior parte dos presos depunham, como usavam dizer os Inquisidores, *de fantasia*. E era fatal que assim fosse para se não perderem. Os juizes tudo aceitavam porque, ordenando as prisões, já estavam convencidos da realidade das culpas. O que só pretendiam eram as confissões e declarações: para salvarem almas desviadas da fé; para que aos delinquentes ocultos atingisse tambem a repressão. Todavia, e sem receio de engano, se pode asseverar

que, em todo o tempo que a Inquisição durou, e dentro do critério exposto, — isto é que havendo indício da apostasia se desprezassem as circunstâncias — mui poucas vezes as condenações procederiam de êrro judiciário. Isso demonstram os episódios dos fanáticos que não renegavam a crença, e contentes, orgulhosos dela, aceitavam o martirio do fogo em vida, para se não revogarem. Demonstram-no as relapsias evidentes, os jejuns nos cárceres, a presteza com que os fugitivos, em chegando a país de tolerancia, aderiam publicamente á sinagoga, e as do sexo masculino se faziam circuncidar. Um livro recente, que mostra guardarem-se ainda hoje em certas famílias da Beira e Trás-os-montes as práticas dos cristãos novos, e ás escondidas como no tempo da perseguição (1), confirma não se acharem longe da verdade os Inquisidores. Quanto á razão com que, segundo o critério acima, procediam, e ao direito que aplicavam, isso é matéria diferente. Que dentro dessas normas eram juizes rectos ha mil provas nos processos.

J. Lucio d'Azevedo.

(Continua).

---

(1) Samuel Schwarz. *Os cristãos novos em Portugal no século XX*, Lisboa, 1925.

CANTICO DO SOL

(S. FRANCISCO DE ASSIS)

Excelso, omnipotente, bom Senhor,
A ti todo o louvôr.
Somente a ti pertençam
Toda a honra, toda a gloria, toda a benção.
Nenhum mortal, inda que o orgulho domc,
Nenhum é digno de dizer teu nome.

Louvado sejas, meu Senhor,
Com todos estes seres que creaste,
Pelo Irmão Sol, engaste
Da luz, que faz o dia, e do esplendôr
Da tua gloria — imagem, meu Senhor!

Louvado sejas, meu Senhor,
Pela Irmã Lua e Irmãs Estrellas,
Que formaste no Céo com tanto amor,
Tão claras e tão bellas!

Louvado sejas, meu Senhor, pelo Irmão Vento,
Pelo ar, nuven, orvalho e firmamento,
Pelas quatro estações, com que asseguras,
Nutrição e saúde ás creaturas.

Louvado sejas, meu Senhor,
Pela Irmã Agua, que se arrasta,
Util, humilde, preciosa e casta.

Louvado sejas, meu Senhor,
Pelo vital fulgor
Do Irmão Fogo, que aclara a noite, e a morte,
Bello, jocundo, varonil e forte!

Louvado sejas,
Por nossa Irmã, a Terra maternal,
Cujas entranhas bemfazejas
Produzem o thesouro vegetal
De arvores, hervas, frutos de ouro, e flores
Cheias de aroma e tintas de mil côres.

Louvae e bemdizei, todos, o meu Senhor,
Louvae-o e agradecei-lhe com amor
A infinita bondade,
E, cheios de humildade,
Louvae e bemdizei o meu Senhor!

(Do *Jardim de S. Francisco*)

AUGUSTO DE LIMA.

EVOCAÇÃO DO RECIFE

Recife
Não a Veneza americana
Não a Maurisstad dos armadores das Indias Occidentaes
Não o Recife dos Mascates
Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois — Recife das revoluções libertarias

Mas o Recife sem historia nem literatura
Recife sem mais nada
Recife da minha infancia

A rua da União onde eu brincava de chicote queimado e partia as vidraças da casa de D. Aninha Viegas
Totonio Rodrigues era muito velho e botava o picenê na ponta do nariz
Depois do jantar a gente grande tomava a calçada com cadeiras mexericos namoros risadas

A gente brincava no meio da rua
Os meninos gritavam

Coelho sai
Não saí

Lá em baixo as vozes macias das meninas politonavam

Roseira dá-me uma rosa
Craveiro dá-me um botão

(Destas rosas muita rosa
Terá morrido em botão)

De repente
nos longes da noite
um sino

Uma pessoa grande dizia
—«Fogo em Santo Antonio»
Outro contrariava: — «São José»
Totonio Rodrigues achava sempre que era em S. José
Os homens punham o chapeu saiam fumando
E eu tinha raiva de ser menino porque não podia ir ver o fogo

Rua da União
Como eram lindos os nomes das ruas da minha infancia
Rua do Sol
(Tenho medo que hoje se chame do Dr. Fulano de Tal)
Atrás de casa ficava a rua da Saudade
...onde se ia fumar escondido
Do lado de lá era o cais da rua da Aurora
...onde se ia pescar escondido

Capiberibe
Capibaribe
Lá longe o sertãozinho de Caxangá
Banheiros de palha
Um dia eu vi uma moça nuinha no banho
Fiquei parado o coração batendo
Ella se riu
Foi o meu primeiro alumbramento

Cheia! As cheias! barro boi morto arvores destroços redemoinho: sumiu
E nos pegões da ponte do trem de ferro os caboclos destemidos em jangadas de bananeiras

Novenas
Cavalhadas
Eu me deitei no colo da menina e ella começou a passar a mão nos meus cabellos

Capiberibe
Capibaribe

Rua da União onde todas as tardes passava a preta das bananas
Com o chale vistoso de pano da Costa
E o vendedor de roletes de cana
O de amendoim
— que se chamava midubim e não era torrado era cozido
Me lembro de todos os pregões
— «Ovos frescos e baratos
Dez ovos por uma pataca»

Foi ha muito tempo
A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
Vinha pela boca do povo na lingua errada do povo
Lingua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil

Ao passo que nós
O que fazemos
E' macaquear
A sintaxe lusiada

A vida com uma porção de coisas que não se entendia bem
Terras que eu não sabia onde ficavam

Recife
Rua da União
A casa de meu avô
Nunca pensei que ela acabasse
Tudo lá parecia impregnado de eternidade

Recife

Meu avô morto
Recife morto Recife bom Recife brasileiro como a casa de meu avô

Rio, 13 de Julho de 1925.

MANUEL BANDEIRA.

A VIAGEM

Um dia, á força de ouvir falar no Velho Mundo, o homem de fraque, de annel symbolico e de guarda-chuva de cabo de ouro, resolveu visital-o.

Elle era levado, não pelo desejo de admirar cousas bellas, de respirar numa atmosphera melhor, de sentir a Vida, emfim, tal como ella merece de ser vivida, mas pela curiosidade de vêr aquillo de que os outros falavam e que elle nunca pudera citar nas suas palestras e nos seus escriptos.

E partiu.

E ao seu embarque foram amigos e admiradores. E á sua senhora foram offerecidas innumeras *corbeilles* de flôres naturaes. E os jornaes falaram no illustre medico, bacharel ou engenheiro, *doublé* de um primoroso escriptor, membro da nossa Academia de Lettras, e que no desempenho de importante commissão do Governo, partia para o Velho Mundo. E as revistas illustradas publicaram o seu retrato á hora da partida, cercado de amigos e admiradores, outros muitos homens de fraque, de annel symbolico e de guarda-chuva de cabo de ouro, e entre innumeras *corbeilles* de flôres naturaes que haviam sido offerecidas á sua senhora.

E chegou.

E ao seu desembarque não foram amigos e admiradores. E á sua senhora não foram offerecidas innumeras *corbeilles* de flôres naturaes. E os jornaes não falaram no illustre medico, bacharel ou engenheiro, *doublé* de um primoroso escriptor, membro da nossa Academia de Lettras, e que no desempenho de importante commissão do seu Governo, chegara ao Velho Mundo. E as revistas illustradas não publicaram o seu retrato á hora da chegada, cercado de amigos e admiradores, outros muitos homens de fraque, de annel symbolico e de guarda-chuva de cabo de ouro, e entre innumeras *corbeilles* de flôres naturaes que deveriam ter sido offerecidas á sua senhora.

E elle desanimou.

Mas como a França passava então por um grave momento politico, não lhe foi difficil a convicção de que só por esse motivo Paris não o recebia como devem ser recebidos todos os homens de fraque, de annel symbolico e de guarda-chuva de cabo de ouro.

Mas não importava. Elle iria até o Louvre. Era preciso vêr aquillo de que os outros falavam e que elle nunca pudera citar nas suas palestras e nos seus escriptos. Depois, naquelle ambiente de Arte, era impossivel que a sua personalidade não fosse reconhecida.

E foi, então, que elle se lembrou da *Victoria de Samothracia*. Elle iria vêr a *Victoria de Samothracia*. E a *Victoria de Samothracia* havia de reconhecel-o.

E parou diante da *Victoria*. E a *Victoria* continuou impassivel. E elle desanimou. Mas como a *Victoria* não tinha cabeça, não lhe foi difficil a convicção de que só por esse motivo elle não era saudado como devem ser saudados todos os homens de fraque, de annel symbolico e de guarda-chuva de cabo de ouro.

E foi, então, que elle se lembrou da *Venus de Milo*. Elle iria vêr a *Venus de Milo*. E a *Venus de Milo* havia de reconhecel-o.

E parou diante da *Venus*. E a *Venus* continuou impassivel. E elle desanimou. Mas como a *Venus* não tinha braços, não lhe foi difficil a convicção de que só por esse motivo elle não era abraçado como devem ser abraçados todos os homens de fraque, de annel symbolico e de guarda-chuva de cabo de ouro.

E foi, então, que elle se lembrou da *Gioconda*. Elle iria vêr a *Gioconda*. E a *Gioconda* havia de reconhecel-o.

E parou diante da *Gioconda*. E a *Gioconda* continuou impassivel. E elle desanimou. Mas como a *Gioconda* estava num quadro, não lhe foi difficil a convicção de que só por esse motivo elle não era reverenciado como devem ser reverenciados todos os homens de fraque, de annel symbolico e de guarda-chuva de cabo de ouro.

Mas não importava. Elle iria até a Italia. Era preciso vêr aquillo de que os outros falavam e que elle nunca pudera citar nas suas palestras e nos seus escriptos. Depois, naquelle ambiente de Arte, era impossivel que a sua personalidade não fosse reconhecida.

E foi, então, que um outro homem de fraque, de annel symbolico e de guarda-chuva de cabo de ouro, lhe disse que a Peninsula era muito suja e Veneza fedorenta.

E elle desanimou.

E elle voltou.

E ao seu desembarque foram amigos e admiradores. E á sua senhora foram offerecidas innumeras *corbeilles* de flôres naturaes. E os jornaes falaram no illustre medico, bacharel ou engenheiro, *doublé* de um primoroso escriptor, membro da nossa Academia de Lettras, e que fôra ao Velho Mundo no desempenho de importante commissão do Governo. E as revistas illustradas publicaram o seu retrato á hora da chegada, cercado de amigos e admiradores, outros muitos homens de fraque, de annel symbolico e de guarda-chuva de cabo de ouro, e entre innumeras *corbeilles* de flôres naturaes que haviam sido offerecidas á sua senhora.

E elle se animou.

E sentiu-se logo outro homem.

E começou a falar naquillo de que os outros falavam e que elle já podia citar nas suas palestras e nos seus escriptos.

E elle tinha autoridade.

E elle era escutado.

E elle dizia, então, que a sua terra, a terra dos homens de fraque, de annel symbolico e de guarda-chuva de cabo de ouro, era o paiz mais adiantado do mundo.

E com isso elle dava desempenho á importante commissão que lhe fôra confiada pelo seu Governo, um governo tambem de fraque, de annel symbolico e de guarda-chuva de cabo de ouro.

E todos o ouviam satisfeitos.

E todos ficavam convencidos.

E foi assim que elle viveu feliz. E foi assim que elle morreu feliz.

GASTÃO CRULS

A INTELLIGENCIA BRASILEIRA

(CONFERENCIA REALISADA NA BAHIA, EM 26 DE OUTUBRO DE 1926).

É perturbadora a emoção com que me approximo de vós, neste primeiro encontro com a intellectualidade forte da minha terra. Afastado della, pouco depois de ter bebido o leite da infancia, eu a guardei com devoção e carinho, na fascinação da sua natureza opulenta, no encanto da sua vida generosa, na gloria da sua intelligencia fecunda e da sua acção intensa. E me ficou uma Bahia perpetua, multipla e grandiosa, não como uma lição do passado apenas, mas como um elemento vivo e surprehendente do Brasil, na actividade nova e creadora, onde estão todas as esperanças de dias melhores e de mais largos horizontes. E, revendo-a, agora, vejo que não me illudiu a imagem do meu affecto. A Bahia, que encontro, é uma força no dynamismo brasileiro, na terra que trabalha e progride, na cidade que vae perdendo o aspecto colonial e ganha a physionomia polychroma do urbanismo moderno, que domina o mar com esse porto admiravel, que derruba casarões e constróes edificios novos e abandona o incommodo tradicionalismo pelas vantagens dos palacios. A cidade se faz em cimento armado, em ferro e aço, emfim na ossatura de um grande centro, que caminha progressivamente para o maravilhoso destino brasileiro. As fabricas apitam, os autos correm celeres, as ruas trepidam, a cidade redemoinha e toda uma vida intensa substitue a calmaria somnolenta de outros tempos. Pelo interior o espectaculo não é menos surprehendente. As cidades crescem e se multiplicam, muitas já se ligam pelo telephone, pelas estradas de ferro, que cortam o territorio do estado em todos os sentidos, pelas rodovias que se constroem e por onde rolarão os caminhões rapidos, substituindo os carros de boi rinchantes. Usinas poderosas, plantações em systemas modernos, com arados e tractores, tudo indica a estupenda renovação. Ilhéos, Santo Amaro, Cachoeira, Itabina, Belmonte, São Felix, Santo Antonio de Jesus, Caitité, Areia, Jequié, Feira de Sant'Anna, Nazareth, Joazeiro, Cannavieiras e outros mais são centros industriaes e agricolas que cada dia mais avultam na grandeza da Bahia.

Aqui o passado, de tradições gloriosas, sobretudo na arte religiosa e na riqueza do folklore, onde ha tanto a trabalhar, não perturba a obra do presente e a Bahia não é um museu, mas uma forja, uma machina, um elemento de propulsão na vida nacional. Eu vos confesso o orgulho que me dá a terra.

Do primeiro contacto do homem maravilhado com a terra opulenta e bella até a sua adaptação ao meio, ha a curva de uma tragedia formidavel que se desenvolve em luctas e conquistas, nos tres primeiros seculos da vida brasileira. Assiste-se á creação lenta de um sentimento nacional, que se tornará consciencia um dia, através mais de provações do que de glorias, porque a lucta se trava pertinaz e obscura, com a segurança apenas da sua constancia, em pequenos lances theatraes, buscando antes o seu fundo tragico nessa mesma e insana vigilancia contra o adversario multiplo e solerte. Este está na terra e no proprio homem que lucta. Caso singular, aqui a tragedia vem de fóra e de dentro, o combatente começa por lutar consigo mesmo, ao mesmo tempo que peleja contra o meio adverso. Lucta-material e psychologica, que temperou a gente e a tornou capaz de uma grande patria, que será a do dia em que o combate estiver de todo vencido.

O homem no Brasil se creou parallellamente á terra. Cada victoria contra a natureza correspondia a um triumpho sobre si mesmo e era uma nova escola de adaptação. Se tivessem os lusos encontrado aqui uma civilização autochtone, forte e definida, como a dos Incas, ou Aztecas, a conquista seria uma luta de raças, uma guerra incruenta. Mas o indio não foi o adversario, inclue-se entre as forças hostis da natureza, nada mais do que isso, quando não veio á communhão dos povoadores novos da terra.

Através dessa luta ousada, em que a natureza perfilha o adventicio, sob a magia da sua irreprimivel seducção, se vae formando o espirito brasileiro, que reage quando a metropole pensa em nos entregar á Hollanda e se firma victorioso nos Guararapes. O país se fórma de alluvião; cedo começam as influencias extranhas, através de Portugal é certo, mas com anseios de independencia, que depois surgem, aqui e alli, preparando o acontecimento de 22, que é o resultado de um paiz feito e de um sentimento brasileiro integral. Não se fale de consciencia, que talvez seja cedo demais, mas o espirito rebelde da independencia, que acaba por vencer no 7 de Abril, este já é brasileiro, é a adaptação dos tres sangues no homem novo nascido na terra americana.

A obra politica do estado que se creou, herdando a tradicção juridica portuguêsa, consolida o que o sentimento antecipára. Posso repetir aqui que o grande factor politico da unidade foi a monarchia, na transição da independencia. Reflectia o imperio a grandeza da terra e pareceu ao homem que só a majestade daquelle regimen serviria ao paiz maravilhoso. Enquanto as republicas da America espanhola se dividiam em lutas sangrentas e hostilidades acerrimas, o Brasil se unia num grande estado. Consolidado o paiz, dentro do largo liberalismo monnarchico, faz-se a abolição, ainda triumpho do sentimento, e se desequilibra toda a economia nacional, sagra a nossa fraternidade. Por fim se cumpre a predestinação da Republica, affirmaundo a ansia do progresso e alargando os destinos do pais.

Mas, emquanto o desenvolvimento politico-social se fazia, desdobrando-se o phenomeno anthropo-sociologico, como se orientava a nossa intelligencia? Não é agora que se vão repetir investigações a proposito, que creio synthetizar affirmando que a mentalidade brasileira oscillava entre o desejo de liberdade e a irremediavel sujeição ás fórmas importadas do extrangeiro. Naturalmente tudo começa na imitação e não poderiamos refugir ao imperativo dessa lei. Á medida, porém, que o espirito brasileiro dominava o meio, começava a rebeldia e o seculo XIX é o testemunho dessa ansia insoffreavel. As perturbações do novo, o prestigio das culturas formadas deante das nossas tentativas incipientes, tudo isso forçaria a imitação, retardataria as livres expressões do pensamento, emperraria a linguagem nas fórmas classicas e entravaria toda a liberdade possivel. Só altos engenhos, ou sensibilidades agudissimas, como de José de Alencar, Castro Alves, Gonçalves Dias, ou Casemiro de Abreu poderiam ser de brasileiros puros, embora com as deformações européas muito sensiveis. E essa copia se prolongou em tudo, pesando sobre nós e está na nossa ordem social e politica, como na literatura, na arte, no gosto, nas cidades, nas casas, nas modas, em tudo e em tudo, avassaladora e dominante.

Era como que uma escravisação. Começava pela lingua: a que falamos é hoje bem diversa da portuguêsa, na prosodia como na syntaxe, tem côres novas, uma plasticidade inteiramente differente e vae se enriquecendo de modo prodigioso. No entretanto, ninguem ousava escrever como falava e dahi o absurdo dos escritores falarem em lingua differente da que escrevem. Este é um dos grandes preconceitos que temos de vencer, livrando-nos da sujeição e do ranço do classico portuguez.

Terra nova gente nova, espirito novo! Foi do balanço de todas as nossas forças creadoras e do estudo attento que das fontes brasileiras teem feito as gerações modernas no Brasil, que surgiu a revolta contra a imitação e o desejo de uma independencia brasileira. A cultura é uma transubstanciação de valores e temos que adaptal-a para que seja fecunda.

O pensamento novo no Brasil revolta-se antes de tudo contra a imitação esteril, que tanto tem embaraçado a sua livre trajectoria. Não somos uma correspondencia neste continente do espirito européo, somos uma floração americana, que fundiu os varios elementos formadores para uma obra singular e rara. Como observou admiravelmente o nosso Ronald de Carvalho: é mistér que o homem moderno no Brasil «estude não sómente os problemas brasileiros, mas o grande problema americano. O erro primordial das nossas élites, até agora, foi applicar ao Brasil, artificialmente, a lição européa. Estamos no momento da lição americana. Chegamos afinal ao nosso momento». Comecemos por ter o orgulho da obra que construimos e não a apouquemos tornando-a simples e debil enxerto. Não somos europeus na America, mas americanos e si o sangue europeu corre nas nossas veias, como tambem corre o africano, isso em absoluto predomina sobre a influencia do meio, através de varias gerações, do amor da terra e da fascinação da natureza. O proprio residuo do aborigene se fundiu no typo novo, ainda em formação, mas absolutamente diverso de qualquer dos povos primitivos e já muito caldeado com os demais que para aqui teem vindo. O nosso destino é ser brasileiro, com todas as deformações, todos os vicios, todos os erros nossos, para que os possamos corrigir, no desejo ardente da perfeição.

Não são os modernos do Brasil os primeiros a sentir esse espirito brasileiro, mas ninguem lhes póde recusar o merito de serem os primeiros a systematizal-o. Já a voz do nosso formidavel Castro Alves sentiu a alma brasileira, na essencia mysteriosa do lyrismo, creando uma poesia que dominará o tempo, porque foi feita no seu tempo e para o seu tempo, e foi uma das mais poderosas e claras demonstrações de como o destino da arte brasileira está em buscar a sua seiva fecunda no espirito nacional, livre, audacioso, grandiloquente e barbaro. Podemos dizer mesmo que o caminho já fôra apontado, para falar em es-

criptores e artistas recentes, muitos dos quaes ainda vivos, em Euclides da Cunha, Alberto de Oliveira, Bilac, Affonso Arinos, Alberto Nepomuceno, João Ribeiro, Afranio Peixoto e outros, além da predestinação do «Chanaan» de Graça Aranha. Movemo-nos portanto dentro de um cyclo logico e quasi determinado.

O exemplo da poesia moderna do Brasil é o mais perfeito possivel. Procura, através das suas mais altas expressões, um sentimento brasileiro, uma fórma livre que possa traduzir essa sensibilidade nova, ligada ao nosso lyrismo, que é a constante do temperamento nacional. Não ha nella senão o appello a uma inspiração que tenha raizes na terra e se ligue pela cultura ao mundo inteiro. Separando-se do regionalismo, por isso que se eleva ao universal, essa poesia permanece brasileira, inconfundivel e clara, com o prestigio do nosso rythmo luminoso e forte. Ouvi a poesia de Ronald de Carvalho, em «*Toda a America*»

Eu ouço todo o Brasil cantando, zumbindo, gritando,
vociferando!
Rêdes que balançam
sereias que apitam,
úsinas que rangem, martellam, arfam, estridulam,
ululam e roncam
tubos que explodem
guindastes que giram,
rodas que batem
trilhos que trepidam,
rumor de coxilhas e planaltos, campainhas, relixos, apoiados e mugidos,
repique de sinos, estouros de foguetes, Ouro Preto, Bahia, Congonhas, Sabará,
váias de Bolsas empinando numeros como papagaios,
tumulto de ruas que saracoteiam sob arranha-céos,
vozes de todas as raças que a maresia dos portos
joga no sertão!

Nesta hora de sol puro eu ouço o Brasil.
Todas as tuas conversas, patria morena, correm
pelo ar...
a conversa dos fazendeiros nos cafesaes,
a conversa dos mineiros nas galerias de ouro,
a conversa dos operarios nos fornos de aço,
a conversa dos garimpeiros peneirando as bateias,
a conversa dos coroneis na varanda das roças...
Mas o que eu ouço, antes de tudo, nesta hora
de sol puro
palmas paradas
pedras polidas
claridades
brilhos
faiscas
scintillações
é o canto dos teus berços, Brasil, de todos estes
teus berços, onde dorme, com a boca escorrendo leite, moreno, confiante,
o homem de amanhã!

Ou o canto de Guilherme de Almeida, sobre a
Cruz das tres raças que é o brasileiro.

MINHA CRUZ!

ha uma encruzilhada de tres estradas sob a minha
cruz de estrellas azues:
tres caminhos se cruzam — um branco, um verde
e um preto — tres hastes da grande cruz.
e o branco que veio do norte, e o verde que veio
da terra, e o preto que veio de léste
derivam num novo caminho, completam a cruz unidos num só, fundidos num vértice.
fusão ardente na fornalha tropical de barro vermelho, cozido, estalando ao calor modorrente
dos céos immutaveis:
— fibusteiros saqueadores; fidalgos sesmeiros de
vastos latifundios e arcos innumeraveis;
senhores de engenhos e de curraes; nababos, negreiros; mascates de quinquilharía;
sertanistas — mamelucos, mestiços, cafusos — queimando malócas e afundando igáras da bugraria...
Polychromia de sotainas pretas ajoelhadas sob cipós
e papagaios, erguendo hostias nas mãos de
lirio
e vertendo, sob luas fabulosas, no cálice de oiro
da terra o sangue theatral do martyrio...

Mas não acrediteis que o caracter vem apenas do motivo e vos lerei outro poeta, Ribeiro Couto, cujo lyrismo é tão profundamente brasileiro.

Em frente á minha janella os verdes bambuaes
cantam ao vento, o dia todo,
a sua musica dispersa de mar alto.

Nos arvoredos da vizinhança
estridulam gargalhadas de joão-de-barro

Batendo roupa nas lages do ribeirão
negras pobres conversam.
Gritam meninos correndo nús pelas margens

Na paisagem queimada de sol
ha gansos fanhosos perseguindo-se.

Vêde bem como a intelligencia nova do Brasil procura, de um lado, vencer o nosso proprio cháos, do outro, liberta-se do extrangeirismo que lhe corrompia o caracter e, por fim, anseia por um rythmo proprio que seja o maravilhoso reflexo do mundo luminoso e quente que nos cerca! Porque, felizmente para nós, salvo algumas excepções de menor valor, a intelligencia nova do Brasil não se fixa mais deante da lição da Europa. A differença, que vae entre o nosso modernismo e as escolas de vanguarda européa, é extraordinaria, como orientação e finalidade, não reproduzindo nenhuma das que, por lá, depois do futurismo italiano, procuram novas emoções e ensaiam a creação de modos diversos de expressão. É certo que ha, em todo o mundo occidental, uma nova sensibilidade, a cujo influxo nada se póde subtrahir, mas não gravita em torno disso o movimento brasileiro, cujas raizes profundas estão no sentimento da terra. Que ha-de similhante entre as tendencias novas do Brasil, que não formam escola, pois que entre os novos ha divergencias accentuadas até mesmo no terreno esthetico, e as modernas correntes européas? Onde contacto com o futurismo italiano, de Marinetti, que temos combatido e o qual só louvamos pelo que foi de renovação ao tempo do seu apparecimento? ou com o cubismo francês, estatico e cerebral, que contraria o dynamismo essencial do brasileiro? ou ainda com o expressionismo allemão, torturado e morbido, como arte de derrota e dôr, quando tudo aqui é vida e força? ou com o dadaismo infantil e primario, se a nossa obra procura se assentar na cultura? Copiar os modernos seria tão funesto como imitar antigos e prejudicaria a sinceridade da nossa acção vigorosa.

O outro preconceito perturbador é o passadismo. Eu bem sei o que ha-de difficil em abordar o assumpto, mas comecemos por clarear e estou certo de que, fixadas as expressões, não haverá ensejo para divergencias siquer. Do passado ninguem póde fugir, porque o que nelle houve de vivo determinou o presente e se incorpora no futuro. Das resultantes de suas forças é que se vão construindo as cousas novas, com a contribuição inevitavel de cada tempo, variando indefinidamente, pela adaptação, as fórmas da existencia humana. Quem o negasse diria coisa sem sentido e desprezivel. Pois bem, senhores, esse absurdo é que se pretende tirar como illação do raciocinio moderno, quando procura, «situar o passado e evitar o passadismo? Que é passadismo? é o apêgo prejudicial ás fórmas inuteis do passado, a tentativa impossivel de resuscitar, numa sensibilidade differente, motivos antigos e retomar para as novas construcções material que já teve a sua applicação e hoje será apenas ridiculo e grosseiro. Não é o amor do passado que nos obriga a rejeitar essas contrafacções e esses anachronismos? A nossa admiração fervorosa pela Grecia não é que nos faz odiar esses poetas que teimam em desrespeitar os seus symbolos e motivos, quando tudo quanto o mundo grego poude suggerir já foi feito com o maximo de perfeição humana? Esse artificio do passado, essa quinquilharia de imagens obsoletas e exgottadas, quando uma sensibilidade nova exige emoções differentes, esse é o monstruoso passadismo, que ainda é uma fórma de imitação.

Contra essa obra de desrespeito ao passado e de heresias é que o espirito moderno reage fortemente, como aliás reagiram sempre os creadores, desprezando pela originalidade a copia servil e infecunda. Cada tempo tem a sua sensibilidade e della decorre a sua esthetica. Que é dos imitadores dos latinos, passadistas, do trecento e do quatrocento? Mas Dante, Celini, Boccacio, ou Petrarca são immortaes, porque, amando o passado, se livraram do passadismo pedantesco de então. Si Wagner tivesse continuado a tradição do seculo e não ousasse renovar não teria nunca aberto um mundo novo á arte musical. E os exemplos seriam ociosos e inuteis. Sempre que o passado não fôr uma energia será inutil e só o devemos considerar como um campo de experiencia. Nunca a sua obra está perfeita porque se concluiu.

Nós atravessamos um cyclo novo na historia e que se poderá chamar a edade da machina. Politica, economia, arte, pensamento, tudo gira em torno de uma civilisação machinista, que procura um maximo de producção com a maior poupança de tempo. O industrialismo moderno é o campo de gravitação de todas as cousas e a machina tudo rege num dominio absoluto. Creamos um periodo de trepidação e de força, cujo espirito constructor e dynamico precisa de novas fórmas de emoção e não póde mais se satisfazer com o que é antigo. O homem, que determinou a precisão e a resistencia do avião, que utilizou as ondas hertziannas para as suas communicações, que construiu os transatlanticos modernos e ergueu as massas de cimento armado para os arranha-céos, este homem tem uma sensibilidade differente e inadaptavel. Le Corbusier, numa das suas syntheses admiraveis, observou: «A machina, phenomeno moderno, opera no mundo uma reforma de espirito. No entanto, nella permanece intacto o factor humano, sendo concebida pelo homem para satisfazer as suas necessidades. A machina é construida sobre a synthese espiritual que o homem concebe e não sobre uma fantasia, systema que lhe constitue um universo tangivel; em systema arrancado parte por parte do mundo circumstante, é assaz coherente para determinar a creação de orgams com funcções similhantes aos phenomenos naturaes. A machina vem toda da geometria. A geometria, é a nossa grande creação e ella nos emociona. A machina faz luzir deante de nós discos, espheras, cylindros de aço polido, de aço

talhado com uma precisão de theoria e um cuidado, que *jamais a natureza* nos *mostrará*.

Os sentidos evocam, ao mesmo tempo que a nossa lembrança encontra no stock das recordações, os discos, as espheras, os deuses do Egypto ou de Congo. Geometria e deuses permanecem unidos! A lição da machina é porém relação de causa e effeito. Pureza, economia, tensão pura para a sabedoria. Um desejo novo, uma esthetica de pureza, de exactidão».

O creador dos apparelhos da civilização moderna, na base da precisão geometrica, em que se procura eliminar tudo quanto não seja util e preciso, vence pela simplicidade e pela clareza. Dahi a sua sorte de synthese, cerebral, schematica. Dahi o cubismo reagindo contra o vago do impressionismo para dar o maximo de valor ás linhas e volumes com o que sobrepoz a ordem plastica á sentimental. Dahi a musica moderna buscando usar o som pelo seu valor directo, de sorte a suggerir integralmente na sua pureza; a architectura resolvendo os problemas das massas pelo equilibrio sereno das fórmas, dentro da maior simplicidade, que é o indice da maxima economia. Dahi a poesia, abandonando o arsenal de formulas gastas, pelo desejo de emocionar directamente ao contacto das coisas, elevadas pelo subjectivismo interior e integral. «A imaginação creadora do artista moderno — palavras de Ronald de Carvalho — reflecte, como é natural, todas essas conquistas da experiencia humana. Funccionamos como verdadeira machina. Reduz a natureza a schemas e, pela deformação da materia prima que lhe fornece a realidade, produz a obra de arte.» Estamos dentro de uma epoca, boa ou má, pouco importa, da nossa epoca e temos que sentil-a tal qual a podemos construir.

Neste cyclo da machina a America terá o seu destino e já hoje os Estados Unidos empolgam o mundo com a formidavel energia das suas forças tentaculares, de que What Whitmam foi o cantor exaltado e fremente. E, entre nós, as nossas cidades, já surgem dentro desse espirito moderno, no Rio, em São Paulo, aqui na Bahia, em Recife, Porto-Alegre, Bello-Horizonte, Manáos, Belem do Pará. A intelligencia joven do Brasil abandona o esteril preciosismo das gerações anteriores e prepara-se para as construcções novas que farão o Brasil de amanhã. Notae o esforço da nossa intelligencia, nas actividades scientificas, industriaes, economicas, em toda parte, a sua audacia e bravura. Constróe e anima, valoriza e creia, sem mais temores e sem mais vacillações. É toda uma renovação a que assistimos, despertada a nossa intelligencia para as fontes da nacionalidade, de onde surgirá a obra brasileira, não em fórmas ou através de motivos apenas, mas na sua essencia mais profunda.

O artista não se subordina nem ao prestigio da natureza, nem á imitação viciosa, nem a qualquer preconceito, mas domina a materia pela emoção e, interpretando a vida, a torna mais larga e mais plena. Elle penetra no «segredo aberto» e se manifesta livremente pelas sensações que acordam nos sentidos para desvendar o mysterio universal. Elle procura a idéa pura, até onde a intelligencia não póde penetrar, e, porque a arte é suggestão, transforma os valores da realidade para uma visão mais luminosa da existencia. Quer a vida como uma grande verdade, quebrar todos os muros com que entesta a nossa fragil e orgulhosa razão, afim de penetrar no mundo ultra-sensivel de que nos fala o philosopho. Viver a vida na intensidade de todos os motivos, ou resolvel-a pela imaginativa, eis a ansia do artista. Não se vão discutir as deformações e exageros do momento, razoaveis alguns, loucos e inuteis outros, explicaveis todos numa epoca de transição.

«A arte é uma libertação» — exclamava o grande Goethe. Portanto, si os modernos, que appellam a liberdade brasileira e desejam que o nosso rythmo se manifeste na sua grandeza magnifica, sem as deformações dos preconceitos estereis, é porque sentem na grandeza do paiz uma fonte estupenda de creação, que não seria possivel abandonar, sem que nos transviassemos do nosso destino. Vêde o exemplo que nos dá a arte de Villas Lobos, procurando universalizar o elemento basico da nossa musica, que é o rythmo do povo, sem trail-o, mas buscando o que nelle ha-de humano. Porque o artista é sempre um transformador e nos dá, pelo milagre da creação, a reslidade transfigurada.

Que melhor prova da necessidade de sermos brasileiros do que a da nossa musica? Com a opulencia de um folk-lore prodigioso, cuja riqueza de rythmo é incomparavel, porque havemos de viver a repetir os mestres italianos, allemães e francezes? E a nossa pintura? porque não vê no scenario maravilhoso que nos circunda uma perpetua inspiração de luz, de côres e de massas? Fatiga-nos a imitação, enerva-nos a copia esteril da Europa e nos diminue o apêgo á lição extrangeira. Neste paiz novo tudo aspira á liberdade, liberdade que não é loucura, delirio, desvario, mas coherencia e ordem, harmonia e equilibrio. Acabem-se os modelos e os canones, para que o artista brasileiro, senhor de materiaes proprios, sinta plenamente a emoção dominadora e forte do nosso mundo! Pela cultura nos ligaremos ao universo, mas permaneceremos brasileiros. Cerca-nos por toda parte a scintillante maravilha de côres e a luz aqui é um perenne deslumbramento. Na terra immensa a natureza nos obriga a essa ascensão para o esplendor e temos de vencer tudo

para sermos brasileiros. O nosso lyrismo repassado de melancolia, que é o travo que nos amarga o espirito, é uma constante e multipla emoção, que transfigura a vida pela arte renovadora. Imaginae a nossa intelligencia no dia em que se cumprir a predestinação brasileira!

Porque o que se reclama no terreno esthetico, não é cousa differente do que é necessario fazer no pensamento, na politica, na economia, em toda a vida brasileira. É a grande transformação da nossa intelligencia, despregando-se aos poucos dos entraves da formação e procurando a posse plena predestinação brasileira!

Assistimos a um espectaculo de renovação esthetica no Brasil, que se tornará um dia, pelo prestigio da intelligencia creadora, phenomeno total. Essa obra tem de começar logicamente pela emoção, despertando a sensibilidade. O homem é artista antes de ser politico. E tudo que não tiver como base a intelligencia será artificio e a sua falsidade soará sem tardança. Por isso, sem a harmonia entre o espirito creador e a sua obra não haverá realidade possivel, simples arranjo, tão só apparencias, e, porque «a intelligencia é soberamente esthetica» ha-de de principiar renovando o pensamento, a arte e a literatura, como as fórmas mais sensiveis da actividade humana. Vencida a primeira batalha as outras se seguirão, logicas continuadoras do esforço inicial. Direito, politica, economica, tudo mais se orientará na mesma tendencia libertadora, se a intelligencia do paiz se convencer, pela emoção a principio, de que não é escrava de preconceitos, mas livre para crear cousa propria ao calor do seu ambiente, no crescendo da sua progressão. Por isso Graça Aranha affirmou que «o movimento espiritual, modernista, não se deve limitar simplesmente á arte e á literatura. Deve ser total. Ha uma ansiada necessidade de transformação philosophica, social e artistica».

Quando rebentaram todas as comportas que a custo continham o impeto fremente das ondas do imperialismo mystico e o romantismo se findava num conflicto immenso de povos e raças, a personalidade humana teve de se impor ante a força do numero e uma consciencia nova a guiou e determinou. Ás fórmas decadentes do scepticismo cumpria substituir por actos creadores de fé e o homem novo foi aquelle que teve a coragem de luctar. Novamente a fé, cuja ausencia seccára tantos corações, refez o homem e começou o espectaculo novo. Momento angustioso de crise, luctas, commoções, revoltas, desvairismo, qu'importa? O homem surge, ainda uma vez, violento e indomavel, exaltando o sentimento e, por entre destroços, uma creação se desvenda no seu mysterio fascinante. Ha um espirito de mocidade, constructor e fecundo, que vencerá todos os espectros e sombras que ainda presidem a vida nacional. No Brasil, ha uma aurora de renovação, que começa na esthetica e se infiltrará por todas as nossas actividades para a redempção ansiada. A obra purificadora da intelligencia não será apenas uma reacção de pensamento e de arte, mas transformará todo o paiz. Começando por afastar os fantasmas que aterrorizam a nossa intelligencia, findaremos por sentir claramente todos os valores do Brasil e pol-os em movimento para a restauração perfeita, integral e absoluta.

Aquella lucta do homem brasileiro perdura. O inimigo não está mais nas mattas espessas, nem na cubiça do extrangeiro, não está no sonho arriscado das riquezas fabulosas, nem no embate das guerras sangrentas. Está na imaginação transbordante, nos preconceitos de origem que avassalam, na timidez da propria affirmação e no afastamento da terra. Sejamos brasileiros e não nos atemorize o caracter barbaro que obra que fizermos, porque só agora começamos a viver intensamente e a lucta insana que travamos nos fará agrestes e violentos. O Brasil é uma força nova e formidavel, para que se possa encadear em meia duzia de formulas importadas. Elle creará as suas leis e fórmas numa civilização nova e nossa, cujo mysterio attráe e hallucina. O esforço da intelligencia brasileira é essa victoria, cuja antevisão nos enche de fé, porque só assim traremos aos homens a contribuição de nosso espirito, fruto maravilhoso do nosso sonho, da nossa realidade, da nossa acção!

RENATO ALMEIDA.

◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆

CRISE MUNDIAL DE AUTORIDADE

Na observação dos successos que nos ultimos annos o mundo vae atravessando não falta quem se tenha deixado impressionar em excesso pelo lado exterior das cousas. Por exemplo, a tão decantada derrocada dos thronos não é, no fundo, senão uma questão puramente decorativa. E pouco ella significa ao lado da evolução, silenciosa mas obstinada, por que tem passado a noção de autoridade e o conceito de estado.

A intransigencia ambiente foi o resultado do predominio logrado pelos militares com sua victoria na guerra. Mas o predominio militar tem essa peculiaridade de exasperar o nacionalismo de um lado como de outro das fronteiras. Assim, si o Senhor Poincaré com a severa politica de execução integral do Tratado de Versalhes logrou fortalecer sua autoridade, conseguindo além disso para si, antigo homem de *gauche*, a chefia moral dos grupos nacionalistas da direita, ninguem póde, por outro lado, negar que foram exactamente essa sua attitude e esse seu novo prestigio os germens do renascimento do nacionalismo e, sobretudo, do ultranacionalismo para a banda de lá do Rheno, em que os socialistas imperavam então quasi sem contraste.

O mais curioso é que o Senhor Poincaré, atacado como o genio máo da Europa, de facto apenas se constituíra no instrumento, é verdade que intrasigente, de um tratado que fôra subscripto por quasi todos os governos da Terra. O facto de se attribuir á vontade e á decisão de um individuo aquillo que era o resultado de um tratado, longe de demonstrar má fé, o que provava era a existencia da indisciplina moral que origina sempre o regimem de violencia. Viciados pela guerra, em que a necessidade militar a tudo primava, attribuíam todos á força de um homem o que era o resultado de estipulações internacionaes, isto é, a força do direito.

Si assim se pensava geralmente, é claro que a crise de confiança no direito já existia e, como consequencia, a crise de autoridade não podia demorar muito. Os paizes latinos costumam ser os mais doceis á desordem. Forneceria campo aos anarchistas a Italia, onde o exercito não desfructava antes da guerra o prestigio que na França e na Hespanha conheciam os militares ou os marinheiros na Inglaterra. Todos sabem a que excessos chegaram os socialistas italianos deante da fraqueza de varios gabinetes.

Produzio-se então o phenomeno Mussolini. Ninguem póde ainda formular sobre os fascistas um julgamento sereno. Porque si, ás vezes, alguma attitude sua, mais reaccionaria, desillude aos amantes da liberdade, que todos somos, quem poderá negar apreço á obra constructiva realisada pelo Duce? Seu valor de *capitaine* não é muito ao lado da auctoridade moral formidavel que elle demonstra possuir para ter, como tem, seus homens em mão. Momentos ha, como o presente, em que Mussolini abre o dique e deixa o denominado fascismo integral expandir-se. Mas, logo mais, omnipotente elle como um deus, faz com uma palavra calarem as paixões desencadeadas e, logo, recomeça a grande obra politica, que o immortalisará, de transformar o fascismo de facção, que é, em instituição permanente, que virá a ser. Mas a

tarefa a que Mussolini se propõe e que, graças a uma vontade potente e a uma arma quasi invencivel, está sendo por elle realisada, não exclúe nem mesmo a Italia da crise, quasi universal, que atravessa a auctoridade.

Querer corrigil-a com golpes de força, dos que se estão usando na Italia ou na Hespanha, é quasi tão ingenuo como pretender formar o caracter do menino, que no collegio se faz homem, com a palmatoria ou o quarto escuro. Hoje, o fructo da desordem, mais talvez do que a sustentação por alguns das idéas marxistas, brotou da intromissão excessiva em todos os negocios da Opinião Publica. Como fundamento de aristocracia a vontade do maior numero é das mais infelizes. Ella é, entretanto, a de que nos servimos e a que apresentamos com orgulho como conquista maxima do seculo. O principio do «tão bom como tão bom» só devia prevalecer nas eleições e, assim mesmo, em certas eleições. Levámol-a, victimados pelo nosso idealismo sem limites, a um excesso difficil de exceder.

E o resultado foi que as verdadeiras élites perceberam como se fazia impossivel deixar os destinos da collectividade entregues á competição desenfreada dos interesses e das facções. Mas não se póde regredir no caminho das liberdades theoricas. Assim, burlar a expressão das urnas tinha que ser o desejo dos que, em bôa fé, buscavam o bem publico. Mas burlar é sempre perigoso. E, ao fim, acaba por ser descoberto. Veio ahi, como cousa inevitavel, a dictadura dos partidos ou a de homens.

A França offerece exemplo nos annos de 1924 e 1925 da impossibilidade material de impôr concepções adeantadas da maioria arithmetica de uma nação aos que representam seus interesses essenciaes. Não foi senão uma segunda «resistencia passiva» a das classes conservadoras aos governos Herriot, Painlevé e Briand. Os grandes industriaes, os grandes proprietarios, o commercio e a agricultura tinham que ser ouvidos. Postos de lado, foram elles que crearam impecilhos invenciveis áquelles tres chefes de governo e que favoreceram o advento do Senhor Poincaré. Foram igualmente esses os que tornaram possivel na Italia o desenvolvimento do fascismo e na Hespanha o golpe-de-estado do General Primo de Rivera.

Não quer isso dizer que sejam responsaveis por tudo que os novos senhores viriam fazer ou já fizeram. Mas libertaram elles as classes conservadoras, que são indiscutivelmente as maiores interessadas na estabilidade do estado, das ameaças que pairavam no ar, producto talvez de theorias sociaes fascinadoras e da perturbação que ellas semeiam nos espiritos. Nem por isso está o socialismo, que é o futuro, mais atrazado. Sua marcha é fatal e ineluctavel. Assim tambem, as idéas pacifistas, ás quaes ninguem recusa consagrar-se, sem que, entretanto, se encontrem meios de apressar-lhe o triumpho.

Todas essas aspirações teem que fazer seu caminho por um trabalho de convicção individual. Baseadas no apoio da opinião publica, devem ellas ser o resultado de uma lenta persuasão. Ora, no momento actual, salvo a excepção dos paizes scandinavos, de arcabouço sempre tão sadio e onde desarmamento e estado socialista são quasi factos, — nem uma nação parece offerecer ambiente bastante tranquillo para supportar, sem tropeços, a vagarosa investida dessas e de outras campanhas.

Acreditando nisso, é que os responsaveis do momento não hesitam em favorecer uma reacção proporcional á agitação, e que a aggrava. D'ahi, talvez, a crise mundial de autoridade, que as dictaduras e a lei marcial não fortalecem, uma vez que, apenas remediando acontecimentos accessorios, só fazem augmentar o estado de inquietude que já é o proprio da humanidade e que parece ser o signo dos tempos em que vivemos.

CYRO DE FREITAS VALLE.

ERNESTO NAZARETH

Ernesto Nazareth já entrou na casa dos sessenta porêm pra lhe compreender a música a vida longa dele quasi não adianta nada. Não se distingue dessa monotonia de nascer e viver, o que significa lutar sofrendo-a história eterna do verso «A vida é um combate» que até os indios descobrem através da metrica dos Gonçalves Dias. E por emquanto graças a Deus vai Ernesto Nazareth continuando nas mesmas lutas e de quando em vez um gostinho colecionado cuidadosamente... pro rei Alberto ver.

Não se aprende nada com a existencia dele. Foi temporão no piano sob as caricias maternas e inda batucou doze meses aconselhado por Eduardo Madeira. Quando principiou compondo somou umas oito lições com o prof. Lambert que repetiu-lhe oito vezes êste conselho bom: — «Pinta as hastes das notas mais de pé, Ernesto.» E foi tudo. De longe em longe inda escutou o elogio dum Henrique Oswald, dum Francisco Braga. Porêm o conselho mais util que recebeu foi êsse um do prof. Lambert pro curumim de 14 anos. Ernestinho compreendeu que todas as hastes dêste mundo altivo sejam notas de música, minimas ou fusas, sejam seres humanos, manguaris ou catataus, carecem de estar em pé, bem firmes e mesmo bem sozinhas. Cultivemos a memoria dêsse professor marabá por ter incutido no Ernestinho o aviso mais nacional que a gente pode dar no país inventor do proverbio caritativo: É tempo de muricí, cada um cuide de si.

Ernestinho virou Ernesto, principiou encontrando nas vitrinas das casas-de-musica o nome de Ernesto Nazareth impresso, seus tangos foram executados e gostados, se espalharam e o compositor teve a gloria de ser tão familiar da patria dele inteirinha que todos falavam «o Nazareth» que nem se trata um primo um sobrinho e os amigos do nosso coração. Faz bem uns vinte anos que conhece uma celebridade sublime embora não frutifera. E desde muito o pomar das alegrias mais dinamicas da terra dele. Ao fungagá dos seus tangos muitos se tem saracoteado rido e gosado neste país e por essa precisão de memoria amorosa que só os artistas verdadeiros despertam, o nome dele vem se gravando nas lembranças da maneira menos egoistica do amor: sem que reflita a imagem dum corpo amigo ou amante. O Nazareth... Quem era? Não se sabia não. E inutil se saber. Era um desses amores que estão na religiosidade obscura de todos os vivos capazes de querer bem, na parte de nós em que amamos os nossos mitos, os atos sem agentes, os movimentos sem motores, os nomes sem corpo, os anjos e os artistas.

Porêm o homem continuava brigando feio com a subzistencia. Os escrevedores de idilios falam que o Brasil é uma primavera sem parada. Deve de ser si por acaso a primavera é tempo de muricí.

No emtanto si é certo que a obra de Ernesto Nazareth tem uma boniteza, uma dinamica fora do comum e ele apareceu e se desenvolveu no momento oportuno não compreendo bem não como é que se tornou popularmente célebre. Si foi oportuno não tem nada de oportunista nele e é sabido que nem mesmo a genialidade basta pra um individuo se popularizar. Ora a primeira observação que impõe-se aquem estuda a obra dansante dele é que de todas as músicas feitas prás necessidades coreograficas do povo é a menos tendenciosamente popular que pode haver.

A prova mais objetiva disso está no decidido carecter instrumental de Ernesto Nazareth.

Em geral as composições dansantes baseiam a sua vulgarisação no imitarem o côro orquestico pópular. As dansas do povo são na sua maioria infinita dansas cantadas. De primeiro foi sempre assim e os instrumentistas-virtuòses da Renascença quando transplantaram as gigas as alemandas as sarabandas do canto pros instrumentos tiveram que fazer todo um trabalho de adaptação criadora. Esta adaptação consistiu em tirar das dansas cantadas a essencia cancioneira delas e dar-lhes caracter instrumental. Substituiram o tema estrofico pelo motivo melodico, a frase oral pela celula ritmica. Embora ainda com reservas, pelo estado atual dos meus conhecimentos antevejo que talqualmente a milonga e o tango argentino sucessor dela, o maxixe tambem teve origem imediata instrumental. Porêm tanto o maxixe como o tango argentino e como o foxtrote pra se popularizarem viraram logo liederescos, se tornaram dansas cantadas. Essa feição cancioneira a gente percebe mesmo nos mais admiraveis musicos coreograficos como John Philipp Sousa, Johan Strauss pela norma fraseologica e não celular da invenção. Se sente a melodia cantada, se sente

o verso oral. Pois Ernesto Nazareth se afasta dessa feição geral dos compositores coreograficos por ter uma ausencia quasi sistematica de vocalidade nos tangos dele. É o motivo, é a celula melodica ou só ritmica que lhe servem de base prás construcções. O *Espalhafatoso* por exemplo é construido sobre uma celula ritmica só, ao passo que o *Sagaz* é inteirinho arquitetado sobre um motivo ritmico-melodico de quatro notas.

Se imagina pois que fôrça de invenção ritmica êle possui. Está certo. Poderão falar que afeiçoa especialmente certas fórmulas de medida que se repetem em obras diferentes... Tambem está certo porêm isso não quer dizer pobreza não. É duma variedade ritmica estupenda e entre os parceiros dele não tem nenhum que seja tão couro-nagua pra desenvolver um motivo ritmico. E são prova no mais dessa riqueza e poder o *Fon-fon* o *Garoto* o *Pierrot* o *Tenebroso*.

Porêm careço de voltar ainda ao caracter instrumental de Ernesto Nazareth pra uma observação. Se serviu do piano. Pois bem a obra dele é pianistica como o quê. Pianistica mesmo quando se inspirando no instrumental das serestas, funções, chôros e assustados reflete o oficleide, o violão, e especialmente a flauta que nem no trio do *Atrevido* e no *Arrojado* quasi inteiro. Então numa obra-prima sapeca, o *Apanhei-te Cavaquinho*, êste e a flauta numa capoeiragem orquestica de espirito inegualavel, rivalizam de personalidade, ambos maxixeiros de fiança, turunas no remeleixo e cueras na descaida.

Mas em geral Ernesto Nazareth se conserva dentro do pianistico intrinseco. Observem o *Batuque* ou pra só citar obras-primas, o *Turuna* eletrizante o *Soberano* o *Banbino* e o *Nênê*. Duma feita a uma pergunta proposital que fiz pra êle, Ernesto Nazareth me contou que executara muito Chopin. Eu já pensamenteara nisso pela influencia subtil do pianistico de Chopin sobre a obra dele. Talvez esta afirmativa sarapante muito feiticista mas é a mais verdadeira das afirmativas porêm. Não basta não a gente tocar piano pra compor obras pianisticas, isto é, que revelem os caracteres e possibilidades do instrumento e muitas vezes mesmo tirem dele a natureza inicial da criação. Tem um poder de compositores dansantes que tocam piano e que nunca foram pianisticos. Nazareth não. O cultivo entusiasmado da obra chopiniana lhe deu alem dessa qualidade permanente e geral da adaptação ao instrumento empregado, o pianistico mais particular de certas passagens como a 3ª parte do *Carioca* ou tal momento do *Nênê*. Ainda é chopiniana essa maneira demonstrada no *Sarambeque*, no *Floraux*, na 4ª parte do esparramado mas excelente *Ramirinho*, de melodizar em acordes tão contra a essencia monodica da música popular.

A êste último respeito inda temos mais. Si é verdade que a harmonização de Ernesto Nazareth segue o modêlo geral das modulações cadenciais êsse simplismo popular é disfarçado por um cromatismo saboroso uma pererequice melodica dificil em que a todo momento surgem notas alteradas chofrando na surpresa da gente com o inesperado de inhambú abrindo vôo. E então com que sciencia habilidosa êle equilibra as sonoridades! As harmonizações, os acordes, as oitavas, os saltos arrevezados, audaciosissimos até, jamais não desequilibram a ambiencia sonora. Possui uma perfeição de fatura que mesmo quando a invenção é mediocre ou vulgar, torna interessantes e nobres tangos que nem o *Cutuba* e varios mais.

Por todos êstes caracteres e excelencias, a riqueza ritmica, a falta de vocalidade, a celularidade, o pianistico muita feita de execução dificil a obra de Ernesto Nazareth se distancia da producção geral congenere. É mais artistica do que a gente imagina pelo destino que teve e deveria de estar no repertorio dos nossos recitalistas. Posso lhes garantir que não estou fazendo nenhuma afirmativa sentimental não. É a convicção desassombrada de quem desde muito observa a obra dele. Si alguma vez a prolixidade encomprida certos tangos muitas das composições dêste mestre da dansa brasileira são criações magistrais, em que a fôrça concepcional, a boniteza da invenção melodica a qualidade expressiva estão dignificadas por uma perfeição de forma e um equilibrio surpreendentes.

Tem na obra dele uma elegancia uma dificuldade altiva e até mesmo uma essencia psicologica sem grande caracter nacional embora expressiva, qualidades que deveriam-no isolar na roda menos instintiva e menos inconsciente das elites pequenas... O proprio Ernesto Nazareth mostra perceber essa distinção refinada pela repugnancia que tem ante a confusão com que os tangos dele são chamados de maxixes. A mim já me falou que os tangos não são tão baixos como os maxixes. Andei imaginando que isso era susceptibilidade de quem ignorava que o proprio tango se originou nas farras do porto montevideano entre a marinhagem changueira e as brancaranas, as mulatas e as abunas, moças de profissão. Porêm hoje dou razão pra Ernesto Nazareth. O que o brasileiro chamou um tempo de tango não tem relação nenhuma com o tango argentino. É antes a habanera e a primitiva adaptação nacional dessa dansa cubana. Tambem aliás conhecida por tango no Uruguai e na Argentina pelo que informa Vicente Rossi em «Cosas de Negros». A contradição de que os tangos de Ernesto Nazareth possuem a ritmica do maxixe e êste é que se dansa com êles não tem valor nenhum. As proprias habaneras são maxixaveis desque a gente lhes imprima andadura mais afobada. E justamente quando Ernesto Nazareth estiver executando os senhores porão reparo em que êle imprime aos tangos andamento menos vivo que o do maxixe. Na verdade Ernesto Nazareth não é representativo do maxixe que nem Eduardo Souto, Sinhô, Donga e o proprio Marcelo Tupinanbá que é uma variante provinciana da dansa

originariamente carioca. Ernesto Nazareth poderá quando muito ser tomado pelo grande anunciador do maxixe, isto é, da dansa genuinamente brasilica, já livre do caracter hispano-africano da habanera. Ainda com reservas já posso imaginar que o maxixe nasceu da fusão da habanera e da polca, a qual informa França Junior os cariocas dansavam «arrastando os pés e dando ás cadeiras um certo movimento de fado.» Nesta descrição é facil se perceber a proximidade em que essa polca estava da coreografia familiar e primitiva do maxixe tal como ainda foi encontrado por Julio Roca quando em 1907 veiu no Brasil. Foi da fusão da habanera pela ritmica e da polca pela andadura, com adaptação da sincopa africo-lusitana que originou-se o Maxixe. Ora eu falei faz pouco na essencia psiquica pouco nacional de Ernesto Nazareth. Torno a falar. Na obra dele prodigiosamente fecunda a gente já encontra manifestações inconfundivelmente nacionais e em geral quasi tudo o que se tornaria mais tarde processos, fórmulas e lugares-comuns melodicos, ritmicos, pianisticos nacionais sobretudo entre compositores de maxixes. Mas por vezes tambem essa obra se encontra paredes-meias com a habanera que nem no pedal de dominante do *Reboliço*, e na 3ª parte do *Digo*. Então o *Pairando* desque executado mais molengo se torna uma habanera legítima. E a melodica europea não é rara na obra de Ernesto Nazareth. Si por exemplo a gente executa a 1ª parte do *Sagaz*, fazendo perfidamente de cada tempo do dois-por-quatro um compasso ternario dá de encontro com a mais alemã das valsas dêeste mundo. Pensem não que isto é censura minha. É evidente que não tenho tempo a perder prá estar bancando o purista e o patriotico. Acho mesmo um encanto humano em perceber elementos estranhos numa dessas joias da invenção popular seja uma farça de Piolin como «Do Brasil ao Far-West» seja no maxixe recente Cristo nasceu na Baia onde se intromete a horas tantas um meneio melodico norte-americano. Minha opinião é que o destino do homem fecundo não é defender os tesouros da raça mas aumenta-los porêm.

Dentre as caracteristicas que percebo na obra de Ernesto Nazareth agora só me resta falar duma. A sua expressividade psicologica. Tambem nisso êle se distingue do genero popular em geral e particularmente se afasta da música nacional. Esta, não tem dúvida que possui uma expressão etnica admiravel, é malinconica, é ironica, é por vezes perereca e no mais barreada de dengue sensual. Porêm como na maioria dos casos universais não é expressiva nesse sentido de se acomodar a estados-de-alma tranzitorios. Não é psicologica em relação ás palavras que a acompanham ou ao título que leva. A música popular é a expressão mais absoluta da música pura, até mais que um Mozart, um Scarlatti ou Strawinsky. Não é música «tranche de vie» nem descritiva não, feito um Schumann, um Berlioz, Monteverdi ou Mussorgsky.

Pois Ernesto Nazareth muitas vezes se aproxima dêste genero da música psicologica e descritiva e os titulos dos tangos dele não raro querem significar alguma coisa. Ele segue essa tradição deliciosa pela qual desde os lundús polcas e modinhas do 1º Imperio a nossa gente apresenta um tesouro verdadeiro de argucia, pernosticidade, meiguice e humorismo em titulos músicais. Só neles possuimos um monumento lirico da nacionalidade. Basta compulsar um repertorio de tangos argentinos, de valsas e cantigas francesas e italianas, de fados, de lieder, mesmo de rag-times e depois um catálogo de maxixes pra ver como o sentimento a pieguice e a vivacidade de espirito colaboram na titulação indigena. É um encanto! E isso desde aqueles seresteiros «do apá virado» que descantavam a Quis debalde varrer-te da memoria ou a Yáyá você quer morrer, de Xisto Baia; a Tão longe de ti distante; a Não se me dá que outros gosem; Ao céu pedi uma estrêla; O Angú do Barão; Á terra um anjo baixou; A mulher é um diabo de sáias; todos titulos admiravelmente empapuçados de melosidade e besteira que iriam repercutir nas valsas e shótes do regimem republicano. E então os sambas polcas tangos e afinal maxixes que se chamaram e chamam: Quem comeu do Boi; Amor tem fogo; Que é dela, as chaves?; Capenga não forma!; Sai cinza!; O Bota-abaixo; Assim é que é!; Ai! Joaquina; Pisando em ovos; Seu Derfim tem que vortá; Seu Coutinho, pega o boi; (O boi atravessa a preocupação nacional: o ciclo do Boi Espacio, o Bumba, meu boi, o Boi Bumbá...) ainda o boi vem no maxixe Este boi é bravo; e mais titulos adoraveis como Os Voadô; Saracoteio; Batuta; Sacudida; Tatú subiu no pau; Vê si é possivel; Lingua comprida; Fogo de palha; Peruando; Encrenca; Vamo, Maruca, vamo; Tem roupa na corda; Eu só quero é beliscá; Roxura; Abobra sem pevide; Engasga gato; Foi atrás da bananeira etc. e tal. Porêm êsses nomes nada têm que ver não com as músicas que titulam. São manifestações livres de espirito, de carinho, de sensualidade e por vezes dessa vontade de falar bocagens metaforicas, que nem o Fubá, a Caneca de Couro, costume tão inconfessavelmente nacional.

Ernesto Nazareth participa dessa tradição porêm com êle já muitas vezes o título se relaciona com o *ethos* da música. Assim essa outra obra-prima, o *Está Chumbado* cuja ritmica é um pileque de expressividade impagavel. No *Soberano* a dinamica dos arpejos oitavados de imponencia soberbosa ergue soberanamente do teclado. No *Pairando* muito inferior, em que a melodica feita de tremeliques imagina pairar e cuja introdução lembra o descritivo incipiente e coitado duma Chaminade, dum Godard e outrinhos do mesmo desvalor. Porêm já duas outras obras-primas combatem essa fragilidade: o *Tenebroso* que é de deveras tenebroso e o *Talisman* todo misterio e estranheza.

Aliás raramente, que nem nestes dois tangos,

Ernesto Nazareth abandona a alegria. Não possui aquela tristura permanente tão do nosso povo que é da intimidade de Marcelo Tupinanbá. É o espevitamento chacoalhado e jovial do carioca que Ernesto Nazareth representa. Em compensação a tristura de Marcelo Tupinanbá e uma tristura gostosa de se escutar, é franca, é molenga, é caldo-de-cana, é melado grosso, nem bem tristura, antes a lombeira do corpo amulegado pelo solzão do Brasil, enchendo o espirito de fatalismo e de paciencia. Nazareth não sabe ter essa tristeza sonorosa e chiando que não faz mal. Descende em linha reta dos vatapás apimentados e quando entritece é duma violencia sorumbatica, é sombrio, é mesmo tragico. Se observe por exemplo o *Miosotis*, o tango *Tupinambá* e essas tres perfeições que são o *Odeon*, o *Digo* e o *Bambino*. Só mesmo no famoso *Brejeiro* êle atingiu a tristura provinciana. E é curioso de se por reparo que justamente nesse tango a frase inicial coincide estranhamente com o lamento Teirú dos indios parecis, só mais tarde revelado na «Rondonia».

Seria inda importante esclarecer a posição de Ernesto Nazareth na organização da musicalidade nacional e na formação historica do maxixe... Estudar por exemplo a evolução da sincopa contratempo matematico da música europea, tal como usada tanto por Bach como pelo fado português e ainda no Brasil Colonia como prova a modinha Foi-se Josino registrada por Spix e Martius, prá sincopa nossa, entidade ritmica absoluta e pode-se dizer mesmo insubdivisivel. Essa evolução está refletida na obra de Ernesto Nazareth. Porêm tudo isso nos levaria pra mais duas horas de falação. E confesso que apezar dos documentos abundantes que estou recolhendo e estudando muito ponto historico e mesmo tecnico inda ficaria incerto num terreno virgem em que o proprio nome de «maxixe» não sabe muito bem donde veio.(1). Nada se tem feito sobre isso e é uma vergonha.

A musicologia brasileira inda cochila numa caduquice de críticas puramente literarias. Se exceptuando as datas historicas faceis e as anedotas de enfeite, o diazinho em que uma senhora campineira teve a honra de produzir o talento melodico de Carlos Gomes, as invejas de Marcos Portugal ante a glória nascente de José Mauricio, a gente não sabe nada de verdadeiramente crítico de scientifico de basico e principalmente de orientador sobre a música brasileira. Não creio não que a gente deva excluir do patrimonio nacional o germanismo de Leopoldo Miguez ou o individualismo despatriado de Glauco Velasques porêm creio que depois de tradicionalizados os caracteres nacionais na música erudita êsses entes serão reduzidos á pasmaceira de placas tumulares e a êsses espantalhos da circulação praceana a que a gente em geral chama de estatuas. A Historia-da-Música que nem todas as outras Historias esta cheia dêsses tumulos inuteis. Si o Brasil é um vasto hospital (coisa que dá esperança de se possuir em breve uma porção de individuos... sarados) a HHistoria da Música é um cemiterio vasto. Porquê de deveras não são nada mais que inutilidades tumulares os que tendo vivido uma existencia individual por demais não ficaram agindo que nem um Bach, um Rameau, um Palestrina, na permanencia das nacionalidades ou da unanimidade dos seres terrestres. Ora vamos e venhamos: a nossa musicologia não tem feito até agora nada mais que escrever o distico dêsses tumulos ou plasmar o gesto empalamado de estatuas que a ninguem não edificam. Embora haja utilidade historica ou estetica nas obras dum Rodrigues Barbosa ou Renato Almeida se deverá reconhecer com franqueza que essa utilidade é minima porquê destituida de caracter prático. Alem da pequena mas valiosa contribuição de Guilherme de Mello e de viajante, ou scientistas como Lery, Spix e Martius, Roquette Pinto, Koch-Grünberg, Speiser, ninguem entre nós se aplicou a recolher estudar descriminar essas forças misteriosas nacionais que continuam agindo mesmo depois de mortas. Tudo se perde na tranzitoriedade afobada da raça crescendo. Nossas modas, lundús nossas toadas, nossas dansas, catiras, recortadas, cocos, faxineiras, bendengués, sambas, cururús, maxixes e os inventores deles, enfim tudo que possui fôrça nosmativa pra organizar a musicalidade brasileira já de caracter erutido e artistico, toda essa requeza agente e exemplar está sovertida no abandono emquanto a nossa musicologia desenfrenadamente faz discursos, chora defuntos e cisca datas. Tem uma precisão iminente de transformar êsse estado de coisas e principiarmos matutando com mais frequencia na importancia etnica da música popular ou de feição popular. Os «sujeitos de importancia» como falava frei Luis de Sousa, devem dar a importancia deles pros homens populares mais importantes que os tais. Se deve de registrar tudo o que canta o povo, o bom e o rúim, mesmo porquê dêsse rúim ninguem sabe tudo que pode tirar um bom. E finalmente se deve de homenagear os Nazareths e os Tupinanbás, os Eduardo Soutos e as Francisca Gonzagas

---

(1) Segundo uma versão propaganda por Villa-Lobos que a teria colhido dum octogenario o maxixe tomou êsse nome dum sujeito apelidado «Maxixe» que num carnaval, na sociedade «Os Estudantes de Heidelberg» dansou um lundú dũa maneira nova. Foi imitado e toda gente começou a dansar «como o Maxixe». E afinal o nome teria passado prá propria dansa. Versão respeitavel porêm carecendo sem dúvida de maior controlação.

O que me parece já certo é que o maxixe, como tal, apareceu depois de 1870. As pesquizas devem mesmo se estabelecer na decada 70 pra 80. Já estou em condições de fixar essa decada como aquela em que mais provavelmente o maxixe surgiu.

que criam pro povo e por êle. Num tempo de firmação etnica tal o que atravessamos é que essa trabalheira adianta muito. Mais tarde será um caro custo descobrir as cabeceiras, reaver as fontes e o tempo perdido. Acabar com os improvisos e louvações amorosas! Lançar em nossa Musicologia o facão duma consciencia de deveras crítica que desolhe êsses estudos adolescentes de todas as pachochadas da literatice, da fantasia e do patriotismo!

Esta homenagem prestada a Ernesto Nazareth pela Cultura Artistica de São Paulo me parece que é sintomatica de tempos mais uteis alem de ser justissima. E é um gosto a gente constatar que não se carece aqui de garantia da polícia como sucedeu no Instituto Nacional de Música em 1922 quando num concêrto organizado por Luciano Gallet aí se executou o *Brejeiro*, o *Nênê*, o *Bambino* e o *Turuna*. Satisfeito mesmo estou eu e apesar de atravessado de enfermidades mesquinhas fiz gôsto em alinhavar na fadiga estas frases pra vir junto dos senhores trazer o meu aplauso a um artista que usando a politica subtil do talento se fez escutar por uma nação.

MARIO DE ANDRADE.

O BRASIL E O MORRO DA MANGUEIRA

> «*Les campagnards, soustraits á toute influence savante, lisaient peu, ils étaient même en majeure partie illetrés; mais ils chantaient, et c'est de leurs chants qu'est issue, au millieu du XIXe. siécle, une poésie nouvelle, vraiement nationale. La poésie populaire a liberé la litterature grecque moderne de la tyrannie scolastique*». Hesseling, Histoire de la littérature grecque moderne.

O preconceito nacionalista tem sido, desde o Anonymo Itaparicano e Manoel Botelho de Oliveira, a cocaina da nossa literatura. Antigamente, eram as fructas e o indio, coitado, que poetas, romancistas e ensaistas tomavam pra bode expiatorio de seu «porque-me-ufanismo». O referido Botelho de Oliveira, menos guloso, se contentou em dizer que o Brasil «em si perfeitos quatro AA encerra». Os quatro AA em que elle assim resumia a gloria da sua Bahia colonial eram — *arvoredos, assucar, aguas, ares*, arvoredos sempre ledos, ares puros, aguas frias que refrescam o peito e são sadias e assucar deleitoso, que é do mundo o regalo mais mimoso. Depois o negro e em seguida o papagaio entraram na dança tambem. Ás tentativas indianistas dum Alencar, que não eram, afinal de contas, senão uma copia mal feita do «romance americano» de Cooper, succedeu uma perseguição cruel e sem dó ao pobre preto velho que o Treze de Maio libertou pra desgraça delle. Desgraça literaria, me explico.

Ora, me diz Pérés commentando Las ideas estéticas en la literatura argentina, de Max Rhode: ... vouloir retrouver dans le folklore indigéne, dans les trovas des payadores gauchos et dans une sorte de romantisme créole l'embryon d'une littérature nationale, aller même dans cette voie jusqu'á se réclamer d'une solidarieté avec les races aborigénes contredites par l'histoire des luttes contre l'Indien, ce serait méconnaître la logique d'une civilisation en formation.

Não penso inteiramente como Péres, mas não deixo de lhe dar um pouco de razão, sobretudo quando elle nos lembra o caracter complexo do problema nacionalista na literatura sul-americana. Esse problema, com effeito, envolve questões bastante delicadas e pra sêr resolvido, se isso pudesse ser do ponto de vista das nossas possibilidades actuaes, exige um esforço immenso que não sei se será util ou não. Passado colonial mais mentalidade aborigene mais ideaes modernos mais genio proprio da lingua mais cultura européa, eis os aspectos numerosos e perigosos da questão. Envez de resolver um por um esses problemas todos, não será melhor, pergunto eu, apagar tudo e começar de novo? A nossa inquietação, aliás, já é um ponto de partida nesta ultima direcção. Tantos problemas juntos perdem o seu caracter essencial pra se tornarem subsidiarios, sem grande importancia afinal, a não sêr a que lhes quizerem emprestar os eruditos, de quem ninguem toma conhecimento. O que está em nós não é nenhum nacionalismo literario, nenhum Brasil Grande, nenhuma patria amada, idolatrada, salve salve. Nós, se queremos

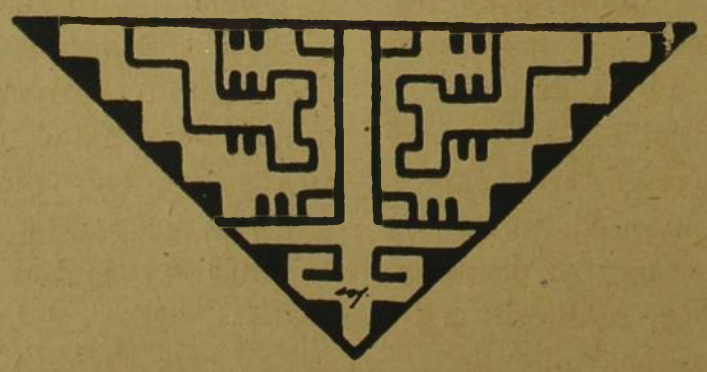
nos libertar dos prejuizos do passado, de cujas consequencias temos exemplo nos velhos povos, por que havemos de inventar uma tradição postiça, de querer crear valores que nada significam pra nós e sobretudo de traçar prematuramente o schema duma evolução cujo alcance foge á nossa pouca experiencia e á pouca edade da nossa cultura? Isso não quer dizer que eu condemne a acção do grupo verdamarello daqui de São Paulo nem tambem a Raça do sr. Guilherme de Almeida e a Toda a America do sr. Ronald de Carvalho. Me são indifferentes. Pra mim, tanto o conde de Affonso Celso como a Confederação dos Tamoyos nenhum delles vale uma piada da Aracy Côrtes. E perguntem á Aracy se ella é nacionalista... A intenção que dictou Raça e Toda a America deu numa patriotada sem effeito, genero «O Brasil é o maior paiz do mundo; produz ouro, cobre, ferro, carvão, pedras preciosas. «Que adianta reunir num poema o branco, o indio e o negro — nos quaes o sr. Guilherme viu tres crucificados, ora essa — pelo simples prazer de injectar uma estopada no leitor desprevenido? Pra se utilisar de qualquer um delles, o negro por exemplo, é preciso gostar delle, sêr irmãosinho delle, sentir com elle. Ninguem faz poesia brasileira porque quer fazer. Se nasce brasileiro como se nasce coisa peior.

Quanto á outra victima do nosso nacionalismo literario, o papagaio, na minha humilde opinião não existe bicho menos brasileiro. Acostumado a vêr papagaio só no hombro de inglezas geralmente feias e velhissimas, talvez por isso elle me dê impressão de tudo, menos de Brasil. O que já não acontece com o jacaré, a giboia, o jacamim, etc. Portanto, essa historia de metterem papagaio na nossa poesia me tira todo o prazer. Papagaio ahi é como aquelle ar das chacaras que cheira a capim-melado dos Epigrammas do sr. Ronald de Carvalho. Franquezinha franca: esse verso do illustre poeta da Luz Gloriosa dá idéa de chacara? E essa chacara cheira mesmo a capim melado? Não cheira. Embora o verso diga claramente — «O-ar-das-chacaras-cheira-a-capim-melado»-o que elle me me suggere, tambem não sei porque, é a porta da Garnier ou aquella photographia de Ronald com Graça Aranha e Renato Almeida, os tres sentados em torno duma meza, invocando o espirito moderno, que não sei se já deu de si.

Mas emquanto os nossos artistas se perdem em «descobertas» assombrosas e «invenções» geniaes, todas ellas absolutamente estereis, e que nada têm adiantado — adiantarão? — o morro da Mangueira vae agindo. Todas as pesquizas feitas ou por fazer não chegam nem chegarão, mesmo daqui a cincoenta annos, aos resultados que o referido morro já conseguiu. O samba, o chóro e a modinha cariocas são ainda a unica coisa definitiva que o Brasil possue em arte (musica, dança e poesia). Por processos naturaes, alheios a qualquer preoccupação intellectualista, é claro, os autores de suas «letras» chegaram á fixação duma lingua nova, perfeitamente differenciada da portugueza de Portugal, com o seu colorido proprio e sobretudo uma riqueza maravilhosa de expressões, lingua que está tão longe do tatibitate do caipira quanto do preciosismo do sr. Laudelino Freire, o classico que Deus esqueceu. Lingua duma maleabilidade e duma elasticidade pasmosas, agridôce, sentimental e ironica, provocativa, gostosa, dizendo bem a bondade e a malandragem do brasileiro da gemma. Logo, o problema da arte brasileira foi resolvido, sem «porque-me-ufanismos» nem araras, pelo morro da Mangueira. É parar, bater continencia e meditar. O mais é pabulagem inutil, mania de «tentativas» ingenuas mal copiada do figurino europeu, nacionalismo — ou brasileirismo, como quizerem — feito sob encommenda, incapaz de resistir á humidade como qualquer phosphoro marca olho.

Sergio Buarque de Hollanda, você disse que os tres maiores livros que appareceram ultimamente foram Losango Caqui, Páo Brasil e Um homem na multidão. Você com certeza estava actuado quando escreveu isso. O maior livro que appareceu ultimamente não é livro. Foi o CLAUDIONOR.

JOSÉ CLEMENTE.



MADAME RENON & SOBRINHA, MODISTAS

Iamos numa alegria deliciosa. Eu chegara do Espirito Santo, onde afundara tres annos no matto, na exploração de madeiras. Vinha rico e feliz, duas coisas igualmente muito agradaveis. E justamente encontrara, a jantar solitario na Brahma, o meu incomparavel Martins, Raphael Martins, director de varias companhias em Santos, homem que transformou a vida numa propriedade particular.

— Martins, king of life!

Martins comia rãs doiradas e levantou-se para mim de braços abertos, a ponta do guardanapo enfiada no collete á velha maneira.

— Chicão! meu caro Chicão! Chicão!

Palmatoou-me as costas, com uma energia de sujeito musculoso que pratica esportes.

Exigi então que as rãs fossem retiradas da mesa. Não tenho paladar para esses requintes de cosinha. Não posso mesmo tolerar na minha frente um prato desses.

Nosso jantar, com explosões expansivas, foi um jantar de homens contentes. Infinito Martins! Sempre variado, anecdotico, effervescente.

— Onde vamos? — perguntámo-nos ao sahir da mesa, accendendo os charutos.

A noite estava quente e luminosa. Noite carioca, excitante, impellindo ao desconhecido, ao acaso saboroso das aventuras... Em mim a sensação principal era a de um deslumbramento de provinciano. Tres annos fora do Rio! Desejava naquelle instante quinhentas boccas para beijar (oh! muito humildemente!) as quinhentas mulheres bellas que encantavam as ruas barulhentas.

— Olha, vamos ver as hespanholas no Lyrico?

— Deve ser uma idéa excellente. Que hespanholas são essas?

— É uma companhia de zarzuelas. Coisa fina.

— Então toca!

Tocámos para o Lyrico.

Na bilheteria, onde um magote de gente se apertava, Martins adiantou-se:

— Tenha paciencia: cabe-me.

— Ora!

Munidos dos bilhetes, iamos entrar tranquillamente, como dois burguezes simples, sentindo a anonyma delicia de ter dinheiro e de poderem mover-se á vontade no vasto scenario da existencia. Ahi, vi Martins desbarretar-se subito e avançar para alguem:

— Madame, quel plaisir!

Uma mulher muito enfeitada, dessas que têm cincoenta annos e são sempre moças, sempre frescas, sorria extendendo-lhe a mão. Ao lado uma loirinha, aconchegada numa sumptuosa capa de seda negra, olhava com indifferença para Raphael. Um sujeito moreno, lustroso, evidentemente nortista e evidentemente marido de uma das duas, esperava a apresentação num silencio de importancia e dignidade. A madurona, então, apresentou Raphael ao sujeito.

Ficaram conversando um momento, com muitas amabilidades. Raphael em vão procurava arrancar uma palavra da loirinha: ella não respondia, recta, inflexivel. Então Raphael fez signal para que me approximasse:

— Peço licença para apresentar o meu

amigo, um dos maiores madeireiros do Espirito Santo...

Fui apresentado á brilhante madame Renon, modista eminente da rua do Ouvidor, assim como á sua emburrada sobrinha e o marido, o bacharel Agamenon Pompeu de Oliveira.

A velha madame Renon era amavel, irradiando sorrisos e uma espirituosa satisfação de viver. (Dessas pessoas a quem a gente nunca teria animo bastante para perguntar o que pensam do problema da morte e outros assumptos sérios). Quiz que fossemos para o seu camarote. Insistiu. Expandiu-se em bondade. A sobrinha, ao lado, estava muda como um pau.

Como Raphael se esquivasse sempre, pretextando razões, encontros com amigos, etc., a velha madame Renon avançou: que fossemos almoçar no dia seguinte com ella! Oh! era tão agradecida ao dr. Raphael Martins! Não faltasse! Ha que tempos não se viam!

Raphael prometteu. Eu fiz um vago gesto de acquiescencia e agradecimento.

Agamenon teve muito prazer em conhecer-nos, segundo seccamente exprimiu numa falinha doce, com os rr arrastados na abobada palatina. A loirinha, muito enrolada na capa de seda negra, toda loira e toda indifferente, partiu desdenhosa com o ar deslumbrante de uma boneca num conto de fadas.

Ficámos na calçada do theatro.

— Entramos?

Raphael não respondeu, nem andou. Estava aereo, zonzo.

— Impressão forte, hein? — perguntei timido, cheirando velhacaria.

Riu-se. Depois, em sua qualidade de burguez, articulou philosophia burgueza:

— A vida tem coisas!

Tem. Por exemplo: essa que succedeu a Raphael.

Emquanto não se abria o velario, derramados nós dois nas cadeiras da fila H, poz-se a contal-a, baixo, sussurrante, para que os visinhos (gente gorda, a abanar-se de calor) não percebessem.

Começou a historia com uma carta que Raphael recebeu de Marselha de um amigo brasileiro, negociante de café. Annunciava-lhe a proxima chegada a Santos de madame Renon e sua sobrinha: vinham para montar uma casa de modas naquella cidade. Pedia o prestigio, o apoio forte de Raphael para ellas.

Raphael teve negocios, viajou, de modo que quando voltou a Santos já as duas modistas tinham chegado da França e estavam hospedados no Parque Balneario. Foi visital-as e poz-se inteiramente á disposição. Era um creado, um humilde servo: mandassem. (E intimamente sympathisou com o vulto elegante de mademoiselle Renon, toda loira, flexivel como um junco. Pensou coisas).

Passados dias tornou a vel-as na sala de jantar do hotel. Foi cumprimental-as, perguntou-lhes pelos negocios. Estavam tratando de montar uma casa na rua 15 de novembro. Esperavam apenas grossas quantias da França. Demoras de banco. Raphael poz-se ás ordens: elle estava ali para servil-as.

Ora, Raphael tinha o habito não só de jantar ás vezes no hotel, com amigos, como tambem o de ir todas as tardes tomar ali o apperitivo. Assim, frequentemente conversava com mademoiselle Renon e a tia: ambas interessantes, apezar das differenças do factor tempo. Os modos de madame eram affectuosos. Os de mademoiselle, ainda que um pouco distantes, um pouco desdenhosos, não eram hostis. E era adoravel, a menina.

— Você está vendo, Chicão: uma pequena deliciosa.

(Lá estava, num camarote, a familia Agamenon. Offuscava, aquella cabecinha loira).

Com o correr dos dias, o estreitamento da intimidade ,a ligação dos interesses (Raphael estava se enterrando em endossos de letras), elle sentiu a vertigem da encantadora aventura. Parecia-lhe até que madame Renon o incitava. No minimo, tinha um geito complacente, benevolo, como que a promessa de fechar os olhos a qualquer fraqueza.

Em todo caso, Raphael hesitava. No Parque Balneario morava Pepa Nunez, uma uruguaya que elle mantinha e era a razão intelligente dos seus apperitivos vespertinos no bar do hotel. Pepa faria um escandalo theatral si descobrisse qualquer coisa entre elle e mlle. Renon.

Mas uma tarde encheu-se de coragem. Uma arrumadeira o informara, distrahidamente, de que mlle. Renon estava só no apartamento e que a tia devia ter sahido para ir á praia. Ora, isso coincidia com a attitude supremamente animadora que na manhã desse dia, na cidade, notara em madame Renon. Ella estivera com a sobrinha — sobrinha, mesmo? — no escriptorio de Raphael, com o contracto da casa para a installação da loja de modas: Raphael fôra fiador. E observara, positivamente observara — ah, desta vez tinha certeza! — que madame Renon lhe estava empurrando a outra, como compensação razoavel á fiança, aos endossos e aos emprestimos. (Tambem já lhe emprestara uns contos de réis: para serem restituidos logo que chegasse da França o dinheiro que a espirituosa senhora esperava).

Andou pelo corredor afóra. Então Jeannette estava só? Oh, que pulsar agitado de coração! Tinha a sensação medrosa de um principiante de aventuras! O sangue precipitado annunciava-lhe um grande acontecimento prestes.

O corredor estava deserto e elle parou á porta do apartamento das francezas. Escutou um instante com o ouvido collado á folha: não havia rumor lá dentro.

Fosse o que Deus quizesse: abriu a porta e entrou. Jeannette estava de penhoar cor de rosa, sentada no divan, a concertar um chapeu. Ergueu-se espantada.

— Perdoe, a criada não me annunciou?

Não, não o annunciara — fez ella com a cabeça energica. Raphael pediu novos perdões, mas foi entrando e fechando a porta atraz de si.

Jeannette tomou então uma attitude altiva, a olhal-o com uma ira fina chispando nos olhos verdes.

Vendo a situação difficil, elle arrependeu-se. Tentou por isso uma solução desesperada: atirou-se a Jeannette, num abraço bruto, de atracão.

— Oh, monsieur Raphael!

Ella sacudia-se, presa.

Como Jeannette, dobrando o corpo, cahisse com elle sobre o divan, Raphael viu-se de repente com todo o peso sobre aquelle fragil corpo de passarinho. Então, para não magoal-a, poz-se de joelhos no chão, ao lado della. Murmurou-lhe confissões apaixonadas, enlaçando-lhe sempre o busto com as mãos fortes.

— Oh, quelle brute!

Cheirava a sandalo, aquelle corpo adoravel. Ella defendia-se, colerica, num obstinado esforço. Porém Raphael recordava as insinuações de madame Renon, os endossos, os contos de réis, tudo: e sentia uma coragem nova reanimal-o.

Como a luta continuasse entre os dois, silenciosa, methodica, luta de gestos, de empurrões, de apertos, de enlaçamentos frustrados, Raphael impacientou-se. Agarrou os dois bracinhos, com raiva:

— Fique quieta, seu diabo!

Jeannette não sabia portuguez. Não entendeu a frase, como não entendera as confissões. Mas as palavras ali eram inuteis: tudo o mais já era bastante nitido e eloquente.

De repente, ella exclamou indignada:

— Eh bien, voilà.

E cruzou os braços sobre o peito. Ficou immovel, sobre o divan, abandonada. Uma alegria frenetica invadiu Raphael.

Instantes passaram-se, penosos e angustiados para elle. Uma sensação de distancia, de indifferença, cavava-lhe um vazio em torno. Como que aquella creatura adoravel, pela qual fizera tanta burrada, estava revestida de um invisivel fluido neutralisante.

De olhos cerrados, ella esperava.

Um desespero apoderou-se delle. Sentiu uma vergonha humilhante, uma vergonha irremediavel, definitiva, uma vergonha para todo o resto da existencia.

Em silencio, de olhos cerrados, ella

comprehendia tudo e um sorriso começou a franzir-lhe o canto da bocca.

Novos minutos passaram-se. Raphael deu soccos no rosto, de raiva. Sacudiu os braços ao alto, ameaçando o céo. Estava desmoralizado.

O fino sorriso ironico estava agora parado, fixo, como um traço normal da physionomia. Reparou que pela bocca entreaberta apparecia, quasi imperceptivel, o ponto branco de um dente. Odiou Jeannette.

Ergueu-se de arranco, com uma nuvem de colera a cegal-o.

Barafustou por uma porta que encontrou aberta, ligando o aposento a outro. Conduzia-o um instincto desordenado de esconder-se, de escapar á humilhação daquelle sorriso. Atirou-se a uma cama. Era provavelmente o quarto de madame Renon.

Estava assim, revoltado, querendo chorar sem poder, com as mãos cobrindo toda a cabeça, quando a porta desse quarto abriu-se e entrou, de volta do seu passeio á praia, a velha madame Renon.

Ella parou perplexa: mas quando reconheceu Raphael deu uma risada.

Fechou a porta e caminhou para a cama em que elle continuou deitado, com a cabeça coberta. Sentou-se á beira, sempre a rir-se, a perguntar que mysterio havia naquelle extraordinario encontro. Elle estava doente? E ao perguntar-lhe isso tomou uma inflexão carinhosa, cheia de cuidados. Ficara doente? Entrara ali por acaso? Queria alguma coisa? Segurou as mãos de Raphael, a ver si tinha febre. Apalpou-lhe o rosto: oh! estava quente! estava com um pouco de febre!

Então, á caricia daquellas mãos affaveis, Raphael sentiu um extranho impeto. Olhou fixamente madame Renon: viu-a sorridente, com uma feminilidade intensa no rosto gordo que os quarenta e cinco annos não conseguiam envelhecer. Apezar das sardas e de uma ligeira pennugem, exhalava-se daquelle rosto uma frescura attrahente que accendia o instincto de Raphael. Toda ella, assim gorda, assim maternal, tinha um geito suave: um geito, apezar de tudo, picante. E ao insistir com elle sobre si estava doente, juntava os beiços num momo de carinho, como si falasse a uma criança. Raphael queixou-se de muita dor de cabeça. Ella curvou-se sobre elle, apalpou-lhe de novo as temporas, deitou-se ao lado, com a cabeça no mesmo travesseiro...

Nesse ponto da narração Raphael tirara o lenço de seda, que espalhou em roda um perfume muito agradavel: as pessoas mais proximas voltaram-se para Raphael, batendo as narinas.

Eu esperava o resto, ancioso pelo desfecho, pelos detalhes, por todos os detalhes, não devendo esquecer-se, em meu abono, que o desterro de tres annos nas mattas do Espirito Santo aguça num homem como eu a curiosidade crua dos detalhes e dos desfechos.

— A vida tem coisas, seu Chicão! — tornou Raphael a philosophar, dando-me uma cotovellada.

Fiz que sim, que a vida tem coisas, mas apenas com a cabeça, não querendo interrompel-o.

— Veja você, Chicão: e veio para o Rio, e estabeleceu-se com o meu dinheiro, e encontrou um bacharel para a pequena, e está rica, e está notavel, e quer que vamos jantar com ella no Hotel Beau Sejour em Santa Teresa. Vamos mesmo?

Riu-se para mim. Não respondi: fiz somente um gesto com a mão, pedindo-lhe para não divagar: eu queria ter absoluta certeza do desfecho!

— E afinal? — fiz impaciente.

Tornou a rir-se, cynico, satisfeito de ver-me preso a um capitulo da sua vida. Aquelle riso poderia dizer muita coisa para outro, para quem não tivesse passado tres annos no interior do Espirito Santo: pois não é preciso maior numero de annos, nem é preciso outro interior de provincia, para extinguir num individuo o gosto pela reticencia e substituil-o pelo despotismo do pão-pão-queijo-queijo.

— Que é que você quer saber mais, seu idiota?

Tive um irreprimivel movimento de impaciencia. A velha madame Renon, lá em

cima, no camarote, punha o binoculo sobre nós. Sobre mim?

Ahi, a orchestra já ensurdecia o theatro. O velario abriu-se. Palmas e ullulos resoaram nas torrinhas. Quarenta mulheres jovens, de lindas formas, razoavelmente semi-nuas, sacudiam as ancas, meneavam os braços, cantando e dansando ao som de castanholas e de pandeiros. Começava a funcção da Grande Companhia de Zarzuelas de Madrid. Viva la gracia!

Raphael estava maravilhado. Aprumado na cadeira, esquecido de que devia a Francisco Guedes Gomes, madeireiro no Espirito Santo, o fim minucioso da sua historia, seguia com um interesse agudo o jogo de formas das quarenta hespanholas encantadoras.

Em cima, no camarote, ao lado da loirinha e do bacharel, a velha madame Renon debruçara-se, attenta, deliciada, apertando o seio gordo contra o balaustre. Um braço cheio, carnudo, pendia: e a mão, a mão affavel que fora a therapeutica efficaz para Raphael, irradiava de anneis.

Nosotras somos madrileñas
y sabemos el arte de amar...

— Repara naquella alta, de cabello preto — disse Raphael apontando com a ponta do nariz para o palco. Aquella á direita, a terceira a contar do fundo... Repara, homem!

Eu tinha os olhos na velha madame Renon.

RIBEIRO COUTO.

SALVE NATAL 1926

Como nos annos anteriores: para commemorar as tradicionaes

FESTAS DO NATAL

a Cia. de Loterias Nacionaes do Brasil, concessionaria das Populares

Loterias da Capital Federal

extrahirá SABBADO 18 de Dezembro proximo

A MAIOR LOTERIA DO ANNO

PREMIO MAIOR

500:000$000

INTEGRAES

destribue 6.380 premios no total de Rs.

1.440:000$000

Os bilhetes encontram-se á venda em toda parte.

CHRONICA JURIDICA

O profundo sentimento dos interesses collectivos que inspira a actividade do povo americano — alias, tão fortemente individualista, até mesmo na sua organisação politica — tem levado a considerar-se, alli, a simples pratica do fôro, quer na advocacia, quer na magistratura, como uma preoccupação, afinal de contas mesquinha, dos estudiosos e dos cultores do Direito.

Porque, em verdade, não são os mais relevantes, nem os mais merecedores de desvelos, os interesses dos cidadãos, relativamente pouco numerosos, que contendem nas lides judiciarias. Quanto a esses, o empenho social está, talvez, sobretudo, em suffocar-lhes, *tant bien que mal,* as divergencias, no mais curto prazo, evitando a perturbação que possam causar, não aos proprios litigantes individualmente, mas á collectividade. Instaurado o pleito judicial, mil factores perturbam a bôa applicação do Direito, sua recta decisão. E a menos que o Archanjo S. Gabriel empunhasse o gladio da Justiça — por via de regra entregue, nas sociedades humanas, a mãos menos puras e fortes — as decisões judiciaes têm de significar, muitas vezes, antes a deturpação, que a applicação do Direito e das Leis. Tal deturpação, neste ou naquelle caso concreto, desde que ponha termo, sem demora, ao conflicto de direitos, e os defina e precise prompta, ainda que erradamente, não impede que os tribunaes e juizes exerçam grande e benefica acção social.

Está claro, no emtanto, que essa dosagem de erro, esse desvio da agulha magnetica judiciaria, não ha de exceder certos limites, pena de significar a desordem, a inutilidade, a nocuidade do apparelho judiciario. A justiça é necessidade social tão irrecusavel e profunda, é uma tão elementar condição de existencia das sociedades civis, que, quando os orgãos destinados a provê-la falham irremediavelmente á sua missão, os proprios individuos lançam-se a realisa-la, allucinadamente, vingadoramente, com as suas proprias mãos ou — o que é mais grave — com as suas proprias armas...

Meios diversos têm-se inculcado, e têm consagrado as leis, especialmente de organisação judiciaria, com o intuito de evitar esse excesso: regras de processo, normas de provimento dos cargos da magistratura, garantias de sua independencia, recurso ao voto popular — tudo isso, afinal, não substitue, nem vale o controle desse factor primordial do governo livre — que é a opinião publica.

Só a opinião publica — alerta, bem informada, bem esclarecida, bem orientada — proporciona o bom funccionamento dos apparelhos governamentaes, especialmente do da justiça. Assim, ainda considerando apenas o aspecto forense restricto do problema social do Direito, se conclue que a condição elementar da sua solução — é a diffusão da cultura juridica, do sentimento do Direito, do zelo e do apreço dos direitos.

—

É, portanto, a essa obra que os juristas se devem votar. Esse é o seo dever elementar, a sua missão social, a sua mais alta funcção.

Na America, si me não engano, varias circumstancias contribuiriam para amesquinhar a actividade forense: a brevidade dos cursos juridicos, a força dos precedentes da jurisprudencia, as «technicalities» das leis de processo. No emtanto, a preponderancia decisiva da opinião publica impoz a necessidade de esclarece-la e orienta-la; a organisação da classe dos advogados na magestosa American Bar Association deo-lhe prestigio inexcedivel; a convocação de advogados eminentes aos mais altos postos do governo — na Suprema Corte, no governo dos Estados, na Secretaria de Estado, na presidencia da Republica — que muitos delles — como William Taft, Charles Hughes, Elihu Root (para só citar tres grandes nomes de agora) — percorrem successivamente, alternando essas posições eminentes com o exercio da advocacia, — volveo as attenções de toda a classe para os grandes problemas politicos nacionaes.

A Suprema Côrte age, tem agido sempre, como factor inestimavel do que supponho poderia chamar-se — a jurisficação das questões politicas.

A gravidade dos problemas consequentes á grande guerra européa reclamou o concurso dos juristas. O ensino civico, o estudo systematico e

generalisado da Constituição Federal, e dos seos principios fundamentaes ou caracteristicos, exige a cooperação de advogados e juristas numa obra de resistencia á invasão do bolshevismo e de defesa da liberdade individual.

Inaugurando, ha poucos mezes, em Washington, um curso de «Legal Ethics» PERCY WERNER dizia: «Lawyers should become politicians in the highest sense of the word, devoid of self-interest or self-seeking». Os advogados deviam tornar-se politicos, no mais alto sentido desta palavra, sem interesse proprio, sem ambição pessoal.

A advocacia não constitue pois, uma finalidade; sinão um campo de demonstrações, de experimentação, um laboratorio. A actividade, a argucia, a probidade, o desassombro — que ella nobremente exercida, exige e estimula — encontram applicação, menos egoistica, em certo sentido, na critica da actividade politica, na doutrinação politica, no exame generico da legislação e da jurisprudencia.

——

O elemento indispensavel para o exercicio dessa «social work» — é a imprensa. Harlan Stone — hoje Juiz da Suprema Corte, conjugava, quando Procurador Geral dos Estados Unidos, em uma reunião da Associação Americana de Advogados, a acção do jornalismo e a da advocacia — assignalando o interesse daquelle pelas instituições legaes, que lhe proporcionam a imprescindivel liberdade de palavra e de pensamento, e o concurso desta para a critica justa e intelligente da acção dos tribunaes e para a exacta informação do publico sobre a boa applicação das leis.

A necessidade dessa conjugação é mais evidentemente sentida no que concerne a questões criminaes, debatidas apaixonadamente pela imprensa. Os commentarios dos jornaes destróem — diz-se — a presumpção de inculpabilidade; criam até a presumpção opposta. Torna-se impossivel obter jurados immunes de prejuizos. A imprensa é quem julga — «trial by newspaper» — e quasi sempre julga mal.

Mais alta, porem, deve ser a actuação da imprensa, do commentario jornalistico, no funccionamento dos poderes politicos, no desenvolvimento do organismo constitucional da Nação.

——

Entre nós, a profusão dos bachareis em Direito não ha de ser só um mal — ou não será um mal sem compensação. Por maior que seja a incultura de tantos delles, ou o mal amanhado de noções absorvidas ás pressas, muitos e muitos apprehendem, ao menos, um vago sentimento de respeito por alguns grandes principios juridicos.

O amôr das discussões de palavras, da hermeneutica subtil, da rabularia, que estará em nossa indole, não permitte que se reconheçam dotados de maior autoridade os individuos revestidos daquella precaria consagração academica. De bacharel em Direito — mais que de poeta, de medico, e de louco, ainda que o não diga o proverbio, que só a estas qualidades se refere — de bacharel em Direito é que, em verdade, todos os brasileiros temos um pouco — ou muito. Mas, a invasão do espirito do bacharel em Direito — com diploma ou sem diploma — em todos os centros de nossa actividade tem apresentado resultados, nem sempre de todo em todo maleficos. Muitas e muitas repartições administrativas attenuaram o velho zelo regalista da burocracia, sob o influxo de alguns amanuenses dotados do classico pergaminho. Na imprensa se absorvem muitos e muitos bachareis, por vezes de alto merecimento, a quem a advocacia e as funcções publicas não seduziram ou não foram propicias. E na propria policia, ao menos nesta Capital, a diffusão do diploma bacharelicio, talvez com alguma attenuação de certos processos de compressão, desceo (salvo derogação mal succedida) da propria Chefatura, ás delegacias districtaes, e até aos commissarios, e ha de attingir, algum dia, aos inferiores da Brigada.

Na politica, porem, na politica militante — é que terá sido menos benefica, talvez só tenha sido nociva, a influencia do bacharel em Direito — e por isso della tanto se maldiz. Por isso mesmo que só o bacharel em Direito, e não o advogado, influe, prospera e domina. Dizia-o, si me não engano, excellentemente, o advogado consagrado, que era o Sr. Góes Calmon, pouco antes de assumir o seo alto cargo de governador da Bahia.

São, principalmente, os advogados falhados, os advogados sem causas, ou apenas de advocacia administrativa, e excusa, os bachareis em Direito que nunca sentiram o peso, as afflicções, a tragedia intima da advocacia intensa — que progridem na carreira politica. De cultura juridica só lhes resta o que serve para as conveniencias politicas do momento. Elles não subordinam a actividade politica a principios e normas superiores. Ao contrario — forjam, accomodam, deturpam principios e theorias ao sabor das conveniencias politicas do momento.

Ora, essa actuação é a de mais larga, mais funda, mais grave repercussão. Porque entende precisamente com o que ha de mais sério e estavel em toda a organisação legal do Paiz — a sua lei magna, as attribuições e o funccionamento dos poderes publicos. Porque interessa a todos os cidadãos, impressiona a todos cidadãos.

Têm-se generalisado em nossa imprensa as secções forenses, frequentemente desenvolvidas, mi-

nuciosas, completas, entregues a mãos seguras de advogados proficientes — tal como se não encontrará, no estrangeiro, fóra das publicações especialisadas. Essa pratica terá, por certo, influencia benefica — principalmente pela critica autorisada, e serena, da actividade dos juizes e tribunaes. Rara, porem, é, ainda agora, a apreciação e o commentario da vida politica, de um ponto de vista exclusivamente juridico, sem preoccupação partidaria, por algum technico, devotado á sua profissão de jurista, alheio a todas as tricas da politicalha, sem nenhuma ligação nem a mais remota ambição de natureza official, politica, ou partidaria.

Veremos si será possivel realiza-lo nesta columna — contando que a isempção e a serenidade do observador suppram outras deficiencias, de que elle se não pode consolar.

LEVI CARNEIRO.

THEATRO E MUSICA

PELO RÉU

Anunciando de véspera o aparecimento de seu artigo COM VISTA A ANTÔNIO DE ALCANTARA MACHADO no número quatro desta revista Martins de Almeida me escreveu de Belo Horizonte: *Se o artigo lhe interessar me escreva a respeito.*

É o que eu faço agora. Prova de que o artigo me interessou. É. Mas não me convenceu. Direi porque sem o intúito de abrir polêmica. Isto vale por uma contestação do libelo de Martins de Almeida. Mais nada. Depois o réu que se defenda sózinho.

* * *

Antes de esbordoar o teatro contemporâneo Martins de Almeida começa por maltratar o teatro em si, o teatro como arte. Por esta razão: *limita extremamente a livre expansão da força criadora, o pleno desenvolvimento da personalidade.* Acusação como se vê gravíssima e que se fosse procedente seria acachapante. Mas não é. Deve ser antes atribuida á confessada pequena receptividade que Martins de Almeida oferece á arte dramática. Cousa que êle aponta como efeito quando pode muito bem ser motivo.

Sim porque o facto do dramaturgo lutar contra *todo um espirito colectivo* e ter de vence-lo de um só golpe não restringe a expansão de sua força criadora. Absolutamente. Só exige maior dextresa. Isso sim. Foi o que Unamuno quiz frizar quando comparou a arte do autor dramático á do romancista. Este luta contra mil conciências individuais tal como aquelê. Mas essa luta é feita de mil combates singulares. O romancista vai vencendo as conciências individuais uma a uma. O dramaturgo ao contrário deve conquista-las de um só golpe. Só nisso está a diferença.

O vigor comunicativo de uma obra dramática não precisa ser obrigatoriamente maior do que a de qualquer outra. Um dos objectivos a alcançar que é a comunicação pode falhar sem que por isso a obra perca qualquer porção de seu valor intrínseco. Até certo ponto está claro. O dramaturgo não pode nem deve ao idear e realizar a peça ter a pretenção de *pôr a sua sensibilidade simultaneamente em correspondencia com inumeras outras inteiramente diversas entre si* de modo completo. Porque isso é cousa inatingível. Para qualquer artista em qualquer arte. Proust nunca será um romancista popular. Nem Valéry um poeta ao alcance da sensibilidade de qualquer um. Aí está.

A gente que frequenta teatro não é diferente da que lê. Ou melhor: é a mesmíssima. A resistência emotiva que o leitor por acaso oferece é igual á apresentada pelo espectador. Igualzinha. A assistência de uma sala de espectáculos reage sentimental ou esteticamente com a mesma intensidade da massa dos leitores. E o facto da obra dramática não ser compreensível a uns ou ser mais a êstes do que áquêles não tem importância. O mesmo acontece a uma escultura, a um poema, a uma pintura, enfim a tudo quanto é manifestação de arte. E desgraçado do artista que tiver a preocupação absorvente de conquistar todas as admirações. Deixaria de ser êle mesmo. E se nivelaria. E sumiria.

Fique bem claro portanto. A expansão da força criadora na obra dramática é mais dificil tão sómente no que se refere a necessidade de comunicação instantânea ou melhor: aos efeitos desta. Isso no caso de ser realmente essa necessidade assim tão necessária. Porque pensando bem ela é relativa. Ou melhor: de resultado sempre rela-

tivo. Uma obra de arte (como já disse) nunca pode ter como objectivo alcançar uma unanimidade aprovativa. A concordancia ou a integração com ela há de variar fatalmente de indivíduo para indivíduo. Coisa claríssima. Até chapa em matéria de estética. O artista se apresenta (se oferece até) tal como é. Não se modifica para ser compreendido. Do leitor, do contemplador ou do assistente é que deve partir o esforço de percepção e unidade. Maior ou menor conforme o caso. Agora se o valor de uma obra de arte se afere pela grande, pequena ou mínima parcela de atenção inteligente que exige para ser compreendida ou de educação emotiva (digamos assim) para ser sentida isso é outra questão. Não caia a gente na asneira de querer aprofunda-la. Mesmo porque no fim de contas arte a gente sente. E cada um a seu modo.

* * *

Outro mal do teatro para Martins de Almeida está na acção dramática. Ele explica: a acção dramática *entra na peça como elemento profundamente simplificador* e a *sintetização da vida em quadros por mais vivos que êstes sejam resulta em falsificação.*

Pois se isso é um mal tambem não há manifestação de arte que escape a êle. Em arte tudo é síntese. Para não dizer no mundo e na vida. Com igual razão se poderia dizer que o entrecho entra no romance como um elemento simplificador prejudicando-o. É ou não é?

Afirmando que no teatro *a psicologia dos tipos tem de ser toda linear* acrescenta Martins de Almeida que *só se tem conseguido pôr em cena personagens de caracteres definidos e gestos esquemáticos.*

Tambem não é verdade. Hamlet não é excepção de nenhuma regra como muita gente pensa. O teatro está cheio de figuras que uma luta toda íntima ou um temperamento impenetrável tornam desconcertantes. Figuras cuja feição oculta a gente adivinha mais pelo que elas deixam de fazer que pelos seus actos, mais pelos seus silêncios que pelas suas palavras. Nas quais a duvida em que se debatem é o único traço revelador de seu drama ou de seu carácter. Cujas atitudes desorientam porque não são preparadas de modo facilmente perceptível. Nem são ás vezes justificadas pela acção dramática. Seres aparentemente irreais ou francamente anormais cuja vida cênica tem o mesmo mistério da humana. Personagens não teatrais portanto no sentido restrito de espectaculosas.

A gente as encontra ás dezenas no teatro contemporâneo. E cuja sondagem psiquica é levada ao extremo sem que seja totalmente concludente e fixadora. Várias personagens de Pirandello por exemplo ao lado de um espírito de raciocínio formidavel apresentam uma incerteza de carácter e um desequilíbrio de sentimentos que os fazem psicologicamente complicados, quási indecifráveis: o protagonista de *Enrico IV*, Angelo Baldovino de *Il piacere dell'onestá*, Ponza de *Cosi é (se vi pare)*, o Filho de *Sei personaggi in cerca d'autore*, outros mais. A obra de Jean Sarment tambem está cheia delas: o heroi de *La couronne de carton*, Jean de *Le pêcheur d'ombres*, Tiburce de Mortecroix de *Je suis trop grand pour moi*. Lilit passa pelo drama de Sollogub *Os refens da vida* como um fantasma, um enígma estupendo. E nas peças de Vildrac, de J.-J. Bernard, de Arzibastcev, de Lenormand, mesmo de Shaw são muitas as figuras sombradas, alquebradas sob o peso tremendo de seu inconciente, de delineamento impreciso, que nem tudo quanto pensam dizem e nem tudo quanto dizem pensam, que se escondem dentro de si mesmas, presas de uma dúvida interior, agindo sob a pressão de sentimentos pessoais, cujos gestos são movidos por uma mola invisível e insuspeitada.

A verdade é que no teatro a representação torna mais nítida a psicologia das personagens. O que pode haver de misterioso nela é de investigação mais fácil porque a imaginação do espectador não pode se expandir livremente como a de um leitor de romance por exemplo. Ela tem de se restringir ao horizonte visual. O interprete vive a personagem. O espectador não pode concebe-la (no momento ao menos) de modo diverso. A mímica deixa perceber ás vezes o que as palavras e as atitudes não revelam. O espectador entra em contato directo e pode-se dizer material com as figuras em cena. Tem da sua existência uma prova viva, sensível, presente. É mais difícil portanto que lhe escape uma nuança psicológica ou a significação de uma reticência ou a intenção de uma palavra.

Aí está porque as figuras dramáticas por mais ambíguas que sejam podem parecer rigorosamente delineadas e mesmo limitadas. Aparentemente dão a impressão de individualidades definidas e realizadas integral e mesmo restrictamente. Porque são visíveis.

E é por isso que são tantas as adaptações dramáticas de romances e novelas. No palco o que nestas parecia morto ganha relevo, volume e côr. Teatralizar é dar vida.

Não se deduza daí que a parte de imaginação no teatro é pequena. Não. Ela é de tal modo preponderante sobretudo no teatro contemporâneo que até Henry Bernstein (sujeito que tem dito e feito tantas asneiras dramáticas) chegou a dizer sem errar: *Hoje em dia, boa peça é aquela cuja acção se desenrola em nossa imaginação, longe do quadro em que se agitam os actores.*

* * *

Que o *autor dramático representa sempre a criatura humana nos momentos críticos justamente quando está fóra dela* é outra arguição contra o teatro que não pode ser provada.

Não há duvida: *todo drama deve ser a representação artística de um conflito* na frase de Shaw. E esse conflito tem que ser focalizado no seu ponto culminante. Não há duvida. Isso porêm, não quer dizer que o conflito base do drama só pode ser exterior, resultante do choque de paixões ou interesses contrários, de consequencias materiais ou ao menos testemunháveis. Nunca. O drama íntimo, a luta interior, as manifestações do subconsciente, a inquietude subjectiva, tudo isso é teatralizável. E aqui se torna necessária a distinção entre teatro puro e teatro-espectáculo estabelecida por Crémieux. Nêste sim a acção dramática tem de ser movimentada, violentamente exteriorizada, toda de episódios e situações. Mas naquêle não. Naquêle cabe a *vida em toda a complexidade quotidiana de seus pequenos detalhes* e o *homem em toda a infinidade de facetas de sua natureza íntima.*

Exemplos? Há inúmeros unicamente na literatura dramática de hoje. O teatro íntimo de Jules Rénard tem continuadores contemporâneos alguns admiráveis. Mas não há nada como a gente citar nomes. Aí vai uma porção dêles: Charles Vildrac *(Le pélerin)*, Émile Mazaud *(La folle journée)*, Edmond Sée *(Un ami de jeunesse)*, J.-J. Bernard *(Martine)*, Paul Giafferi *(Les uns chez les autres)*, Denys Amiel *(Café-Tabac)*, Paul Raynal *(Le maître de son cœr)*, Jules Romains *(Amédée et les messieurs en rang)*, Jehan Bouvelet e Edgar Bradby *(Barbe-Blonde)*, Régis Gignoux *(L'appel du clown)* e até — quem diria? — Dario Niccodemi *(L'alba, il giorno, la notte)* e Sacha Guitry *(Je t'aime!)*

São peças onde não acontece nada como se diz em uma delas. E no entanto essencialmente dramáticas. Não tenha pois receio Martins de Almeida: embora a vida se faça *cada vez mais complexa, mais especializada pra cada indivíduo* e o homem moderno esteja *cada vez mais vivendo o detalhe quotidiano da existência* (cousa que aliás eu contesto porque isso é extender á vida um fenômeno méramente literário) o teatro refletirá sem prejuizo de sua essência essa lucta sem sangue e sem gritos, esse borbulhar subjectivo de mil e um sentimentos, essa imensidade de sensações e de factos quasi apagados. O subconciente já entrou no teatro. Por muitas mãos. Mesmo pelas de uma gente dinâmica e exuberante como a italiana. Basta citar um nome: Orio Vergani.

Uma grande soma de realidade não pode ser suportada pelo teatro que exige sínteses sôbre sínteses afirma Martins de Almeida. E logo a seguir: *A própria composição do diálogo se resume no trabalho de concisão que se imprime nas frases para que possam sobresair os subentendidos que entremeiam as palavras trocadas entre duas pessoas.*

Antes de mais nada não vejo mal nenhum nisso. Mesmo porque êsse mesmo esforço de concisão se faz no romance e no conto. E se fosse só no romance e no conto não era nada: também na vida. A gente sublinha sempre *a significação oculta das expressões* que emprega. E muitas vezes a reticência diz mais que a palavra. Máu seria se o dialogo teatral não comportasse esse grifo cheio de intenções. Isso sim. Sacrificando a verdade á clareza objectiva. Cousa que aconteceu durante muito tempo. E que a renovação contemporanea corrigiu introduzindo o silêncio no teatro. De tal fórma que Jean-Jacques Bernard poude dizer nada paradoxalmente: *o teatro é antes de mais nada a arte do inexprimido.* E é por isso (acrescenta) que o teatro não tem inimigo peor do que a literatura. Porque esta *exprime e dilue o que aquêle não deveria senão sugerir.* Em verdade a arte hoje sugere, deixa adivinhar, apresenta tão simplesmente. Não há mais tempo para explanações, explicações, dissertações. *Um sentimento comentado perde sua força.*

* * *

A opinião de Martins de Almeida sôbre o teatro contemporâneo é evidentemente apaixonada. Martins de Almeida implica solenemente com o coitado. Só assim posso justificar êste periodo seu: *os autores modernos estão preocupados com a qualidade técnica em prejuizo da qualidade viva de suas obras teatrais.*

Pois se é justamente o contrário que acontece. A técnica hoje se renovou de alto a baixo num esforço de depuração e simplificação extraordinário. Os autores da vanguarda em todo o mundo aboliram de suas peças os golpes de efeito, o final emocionante, as situações angustiosas, todo o arsenal terrificante do melodrama antigo. A acção dramática não é mais preparada. Entre as personagens não figura mais o cacete raciocinador das peças de antes da guerra. Tipo falso herdado do teatro romântico. Espécie de comentador do enredo e dos gestos das outras figuras em cena. Cuja única função era pôr os espectadores ao corrente do que se passava no palco. Alto-falante das idéas e das tendências do autor. Hoje em dia se êle aparece (o que é raro) se mantem sempre de modo mais discreto. E não é um simples espectador colocado na cena como antigamente. Sirva para exemplo dessa sua nova encarnação aquêle ótimo Lamberto Laudisi do apólogo pirandellano.

Na peça moderna o pano ao subir não marca necessariamente o início da acção. Isto é: o drama não tem princípio e fim rigorosamente determinados no palco. O espectador não assiste muitas vezes ao nascimento e ao epílogo do conflito. Testemunha o drama como alguêm que ouvindo um rumor de altercação numa sala espia pelo buraco da fechadura. Tal qual. *Maya* de Simon Gantillon é assim.

* * *

Não. O teatro não occupa a retaguarda na avançada renovadora de hoje. Como as outras artes êle procura o seu eu. Caminha para uma pureza absoluta de fórmas. Sem falsear o seu espírito. Sem trair o seu destino. Como Genebra ainda há pouco teve a prova com *L'illusion* dêsse fenomenal Jacques Copeau. Leia Martins de Almeida estas palavras do director do Vieux-Colombier e se convença de que aquilo de que ele julga o teatro de hoje incapaz já está sendo realizado e victoriosamente eu acrescento: *Isto* (Copeau se refere á sua peça) *não é uma comédia nem um drama propriamente falando. É um jogo de teatro. Em lugar de restringir o interesse ao desenvolvimento de um caracter ou de uma intriga procura-se suscita-lo pela variedade dos golpes, dos tons e dos movimentos. É um ensaio de divertimento ou como se diz hoje de teatro puro. Nada é levado ao extremo. Tudo permanece suspenso como num esboço onde se buscou a liberdade fugindo da extravagância.*

Qual o que. O teatro ainda será hoje como já foi tantas vezes a manifestação culminante da arte de seu tempo, o reflexo mais belo e mais directo da inteligência criadora de sua época. Porque é preciso não esquecer que êle joga com elementos tirados de todas as artes: da pintura, da escultura, da poesia e agora do cinema. Irá resumindo portanto tudo quanto estas últimas forem progressivamente alcançando. Mediante uma absorpção inteligente que já está sendo feita. Quer queiram quer não.

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO.

× × ×

CRONICA DA QUINZENA

— O grande concerto de córos e orquestra realizado em 15 de novembro por iniciativa do maestro Villa-Lobos, foi um dos mais belos espectaculos de arte brasileira que já se ofereceu ao nosso publico. Mau grado todas as deficiencias de realização, são manifestações dessa ordem que verdadeiramente contam na vida artistica de um povo, porque representam, mais que uma empreitada de lucro ou simples diversão, um admiravel esforço criador, organizador, disciplinador. A musica nacional há muito tempo que vem repontando, balbuciando na obra dos nossos compositores. Agora tem-se a impressão que começou a falar. Pelo menos este concerto do maestro Villa-Lobos já nos deu uma sensação acabada e gostosa de coisa bem nossa.

Falamos acima em deficiencias.

A principal e que logo se notava, era o desequilibrio entre a massa coral numerosissima (mais de cem vozes) e a pequenina da orquestrinha, ás vezes completamente abafada pelo côro. Outra foi a defeituosa articulação desses dois elementos, devida á insuficiencia de ensaios, pois se o côro ensaiou muito sozinho, com a orquestra ensaiou pouco, o que se tornou sensivel sobretudo no *Toca Zumba* de Luciano Gallet e no *Rasga o Coração*, este então bastante sacrificado por uma entrada fora de tempo (apezar de tudo a grandeza cíclica do chôro levantou a platea). Havia no programma três numeros fracos e sem interesse brasileiro: as *Uiaras* de Nepomuceno, a *Ave Maria* do sr. Agostinho Gouveia e *Meu País*, hino patriotico e castrolopico do proprio Villa. O *Kyrie* do maestro Oswald, esse é de todos os países: na verdade prece emocionante, e que me deu no ensaio geral um sobrôsso sentimental que eu gostaria de fazer passar ao coração do dr. Washington Luís. É que na meia luz do ensaio aquelas cento e tantas figuras de homens e mulheres de varias idades e varios sotaques, onde havia, de par com brasileiros de todos os sangues, elementos italianos e teutos, todos dando abnegadamente o melhor de si mesmos numa obra incerta e improvisada, me perturbaram de repente como uma imagem reduzida do meu Brasil, implorando o Senhor com imenso cansaço. Que emoção, Santo Deus!

No dia do concerto havia mais luz, havia menos ingenuidade, não havia o cansaço. No dia do concerto havia em toda a gente, no palco e na platéa, entusiasmo, satisfação, gostosura, como se todo o mundo estivesse chupando manga numa varanda de fazenda. Se fosse possivel, teriam bisado tudo, como fizeram com a deliciosa *Cantiga de Roda*, de Villa-Lobos, o formidavel *Teirú* indio, a *Cantiga e Dança de Negros* do maestro Braga, o côro masculino a sêco *Na Baía tem*, ao qual Villa-Lobos deu um sentido mistico, que pode estar no caracter da musica mas não está na letra, pois não se compreende tanta religiosidade pra dizer que na Baía «tem côco de vintem». Mas ficou tão bonito!

Muito rica a harmonização do *Toca Zumba* de Luciano Gallet, com uma intervenção interessantissima do piano, em que quasi se desunhou o meu elegantissimo amigo Brutus Pedreira.

No *Chôro n.º 3* de Villa-Lobos a parte do

Pica-pau é estupenda; a unidade do chôro me pareceu duvidosa com o *Nozanina-Orekuá* no começo, e aquele estapafurdio «Brasil! Brasil!» do fim. Não creio que fosse patriotada. Não creio que fosse ironia (a turma agora quando se estrepa apela prá ironia). Quer me parecer que Villa precisava ali de uma palavra em liberdade acabada por *il*. Botou Brasil. Acho que ficava melhor «barril».

Quanto ao *Rasga o Coração*, é uma forte composição com importante preludio orquestral, onde abundam os efeitos onomatopaicos de timbres em que é tão fertil a fantasia de Villa; vem depois a citação entre aspas da modinha de Catulo

Si tu queres ver a imensidão do ceu e mar

Villa envolveu-a de uma formidavel roupagem harmonica onde sobre um fundo imperioso de marcha batida corusca fabulosamente a pris-ma-ti-zação da luz solar.

Villa-Lobos foi aclamado pela platéa unanime, como de facto merecia, extendendo-se os applausos aos seus numerosos colaboradores, entre os quais se contava a fina flor dos nossos professores, cantores e amadores, que o presentearam em scena aberta com uma baita batuta de ouro.

— A senhorita Elzie Houston mostrou mais uma vez, em recital que se realizou no dia 16 no Casino do Passeio, a excelente escola em que educou a sua voz. A escola foi de Ninon Vallin.

Entretanto mlle. Houston não precisa mais contar isso pra ninguem: ela vale já por si mesma, como provou pela interpretação de numeros como as *Recordações da minha infancia* de Strawinsky, de *Daphénéo* de Erik Satie, de *Sur l'herbe* de Ravel. De todo o programma: se assinalei de preferencia aquelas peças é exactamente porque requerem muita inteligencia, muita finura de espirito e agilidade vocal. Mlle. Houston cantou-as de tal maneira que teve de bisar a *Pêga* de Strawinsky e *Daphéneo* de Satie. Na terceira parte mlle. Houston deu-nos em 1.ª audição oito das *Serestas* de Villa-Lobos, serie que com as *Cirandas* pra piano são o que o nosso grande compositor fez de mais gostosamente melodico até hoje. Mlle. Houston teve nas *Serestas* o concurso inestimavel de mme. Villa-Lobos ao piano.

Ambas fizeram valer todas as intenções daquela musica, da qual disse o autor no programma do concerto coral do Lirico que é uma nova forma de composição para canto que relembra elevadadamente todos os generos das nossas tradicionais serenatas, toadas dos nossos esmoladores, musicos-ambulantes, e varias cantigas e pregões de carreiros, boiadeiros, marrueiros, campeiros, pedreiros, etc.»

Percebe-se tudo isso, de facto, — menos que seja uma nova forma de composição. Protesto tambem contra o adverbio *elevadamente*, que inculca *baixeza* das nossas tradicionais serenatas, toadas, pregões, etc., etc. O aboio dos nossos vaqueiros, temas indios, como o *Teiru*, e de macumba negra, como o *Xangô*, são da mais sublime elevação. Estão mais perto de Deus do que toda a sciencia de um compositor culto, mesmo genial como Villa-Lobos.

— Mais algumas linhas pra assinalar o 65.º concerto da Sociedade de Cultura Musical em que tivemos ocasião de ouvir mais uma vez a incomparavel Antonieta, em solo, e em conjunto com o violoncelista Sykora na sonata em la, op. 69, de Beethoven. Foi uma excelente audição daquela sociedade, incontestavelmente a melhor com que contamos, graças á direcção do seu presidente o sr. A. F. Lopes Gonsalves. — M. B.

A Revista do Brasil

começará brevemente a publicação de um romance inédito de

SERGIO MILLIET

LITERATURA

RAUL DE LEONI

Raul de Leoni morreu na sua casa de Itaipava no dia 21 deste. E o sentimento que nos acode não é precisamente o de dor. E' um pouco do espanto revoltado que causa qualquer injustiça. Principalmente a inesplicavel injustiça da morte.

Raul de Leoni foi um poeta puro e sincero. Governado pela lucida razão latina, illuminado pela transparente emoção mediterranea, elle teve a coragem de conservar o mesmo feitio de intellectual tranquillo, no meio da angustia emocional da hora que passa. Elle era um cerebral. Por isso sua inquietação era toda de idéas. Mesmo o drama pessoal de sua doença, que elle acompanhava com a precisa mas longinqua attenção da intelligencia. E' possivel que no contacto directo com a natureza, que elle foi obrigado a ter durante os seus quasi cinco annos de exilio em Itaipava, Raul de Leoni tenha podido baixar o espirito poetico das abstractas idéas geraes e sentimentos introspectivos e fixa-lo um pouco na dor humana. Na vida exterior, de que elle não desconfiava, tão agitada tinha a propria vida interior. Veremos isso quando apparecerem os seus ineditos, que elle, pouco antes de morrer, recommendou que fossem entregues a Rodrigo M. F. de Andrade, que os deve ordenar e publicar.

Barrés, falando da morte de um amigo jovem, diz que é doloroso ver-se morrer um escriptor de talento, que não tenha ainda representado nenhum papel definitivo. Uma geração fica assim desfalcada de um homem, sem saber o que elle poderia fazer. E' a magua deante do desconhecido.

Todos os escriptores modernos, embora filiados muitas vezes a correntes completamente diversas da do cantor de «Luz Mediterranea», a quem todos amavam e todos admiravam, lamentam a morte de Raul de Leoni, impulsionados por sentimento semelhante ao de Barrés.

Somente não é dor pela falta da realisação de uma obra provavel. E' tristeza deante de uma grande obra inevitavel, que foi cortada de repente. E', principalmente, o assombro inutil em que ficamos, nós que acompanhavamos a trajectoria daquelle talento solar, vê-lo estinguir-se estupidamente, em pleno meio-dia...

AFFONSO ARINOS (SOBRINHO).

× × ×

LITERATURA NACIONAL

Ausonia Carmina — Mendes de Aguiar — Empreza Graphica Editora, Rio 1926.

Montanarum sodalis puellarum,
Earum consors desideriorum,
Pugnæque amoris mutis in voce aurarum,

Quomodo oblectas, heu! ludus agrorum,
Quando per primam comparant cordarum
Laetae fusculae sonum osculorum!

Sabem o que isso é? Os tercetos do soneto *A Viola* de Silvio Romero:

Companheira querida das matutas,
Confidente fiel de seus desejos,
De seus sonhos de amor, serenas lutas,

Como és boa da roça nos festejos,
Quando as morenas garrulas, astutas,
Afinam pela prima o som dos beijos!...

Já é engraçado escolher o soneto pra falar da gostosura de uma viola. Traduzi-lo ainda por cima em latinorio só mesmo por desfastio de quem não sabe o que há de fazer do seu latim. É o caso do sr. Mendes de Aguiar, *apud arcades romanos.*

Os adversarios do verso livre não compreendem poesia dagora sem medida nem rima. Quando se alega o exemplo da poesia grega e da poesia latina classica, êles redarguem que o genio da lingua era outro. Ao acabar de ler os versos latinos silabicos e rimados em que o douto arcade romano trasladou alguns poemas de lingua portuguesa, me deixei ir armando umas considerações eruditissimas sobre a incompossibilidade da rima e da medida silabica com o genio do idioma do Lacio. De repente, porêm, me veiu á cabeça a lembrança de certos hinos da igreja, e mais aqueles versos da Francisca de Baudelaire:

Novis te cantabo chordis,
O novelletum quod ludis
In solitudine cordis!

Caí em mim e vi que estava pensando uma bobagem tão panema como a dos adversarios do verso livre. A displicencia que me causava a latina versio do *Ouvir Estrelas,* do *Sabor das Lagrimas* não vinha dali. E concluí qou o sr. Mendes de Aguiar não é poeta.

Tambem foi tudo que pude ver. Pois quem se atreveria a deslouvar a correcção e elegancia do sabio latinista, honra do nosso magisterio?

MANUEL BANDEIRA.

× × ×

LITERATURA ESTRANGEIRA

Clio — M. H. Lyers.

O mesmo pedaço de terra tem duas faces differentes, uma para o nativo e outra para o estrangeiro. Uma terra só póde ser bem vista pelo alienigena. De modo que poderá affirmar-se, até um certo grao de latitude, que o nativo é aquelle que menos conhece a sua terra, como um grande corpo vivo, vivendo a sua vida inconsciente e mysteriosa.

Assim como não houve ninguem que melhor conhecesse a Africa do que os Stanleys, Levingstones e Ivens, da mesma fórma ninguem poderá melhor dizer das acções e reacções locaes do meio para o individuo, do que o estrangeiro.

O estrangeiro traz comsigo uma alma nova, uma alma differente que procura ajustar-se á grande Alma Mater local, conjunto de totems, tabous e idéas religiosas por demais complexas, mesmo na sua primitividade.

O estrangeiro, por detraz dos factos mais positivos, vê aureolas mysteriosas, dando mil e uma suggestões differentes, mil e um pontos de vista cameleonios, que acabam seduzindo o nativo, convencendo-o de que a sua terra tem, na verdade, esses obscuros e desconhecidos mysterios.

Lendo-se certos livros a respeito de terras exoticas, chega-se á convicção mais ou menos discreta de que ha muita coisa no ar de que não cogitou a perspicacia dos observadores locaes, querendo fazer milagres como bons santos de casa.

Os escriptores inglezes e norte-americanos primam em geral pela observação aguda, desde que se trate de terras e gentes da estranja.

Podem ser superficiaes, mas de vez em quando pisam fundo, desde que encontrem terreno argilloso.

A literatura exotica desse genero foi inaugurada por Herman Melville e continuada por Stevenson, Jack London, Somerset Maugham, Frederick O'Brien, Conrad, Kipling, Masefield, Norman Douglas, D. H. Lawrence e L. H. Myers.

Myers é um valor na moderna literatura ingleza. Dizem que tem alguma coisa de Henry James. É só. E' unico. O seu ultimo livro, «Clio», por todos os titulos interessante, tem a particularidade de passar-se no Brasil, — ora viva, no Brasil, — na Amazonia.

«Clio», hiate de Lady Oswestry. A bordo, uma população de documentos vivos. Documentos perfidos. Os filhos de Lady Oswestry. O Amazonas que vem rolando pelo oceano. Uma alteração geral sobrevem a todos. Outros ares, outras terras, outro meio physico. Rompem-se carapaças civilizadas. Comediantes tragicos, como diria Meredith. Sir James Annesley fala ás vezes sobre Proust. Sir James diz que o Brasil tem 20 estados, novidade geral. Lady Oswestry pensa adquirir no Pará um certo cold-cream. Sir James com pontos de vista universitarios, emquanto os outros procuram ajustar-se a um novo mundo. Clio passa por Breves. Um estrangeiro apparece. Harry, filho de Lady Oswestry e Pedro Andrade, o estrangeiro afinal brasileiro, conferenciam. Episodio á Conrad.

O hiate deverá chegar a Obidos — onde rebentará a revolução dirigida pelo brasileiro e pelo inglez. A revolução toma conta de Manáos e Pará. «Clio» rio-acima. Mr. Wilkinson conhece o Brasil, falando em varios movimentos revolucionarios, até mesmo no de Isidoro em São Paulo, mas sem citar o nome do santo. Acha que é um crime separar a Amazonia do Brasil. Demonstra-o a Harry. Lady Oswestry fica espantada de ver o filho, que nunca se importou com a politica de Stanley Baldwin, interessado pela politica do Brasil. Obidos. A noite tragica de Obidos é uma xilographia. Sir James morre picado por uma serpente. A revolução fracassa Harry regressa ao Pará, esperando ser dictador da Amazonia.

Ha muita sympathia pelo Brasil. Naturalmente a curiosidade deturpa alguma coisa, empolando-a. Ha uma impressão curiosa, a impressão de muita luz verde, forte, dorida e perpendicular, enviezando os corpos, e deixando ver no fundo de todas as almas alguma coisa como uma essencia venenosa de Indios Maués...

TEIXEIRA SOARES.

× × ×

La Guitarra de los Negros — Ildefonso Pereda Valdes — Montevidéo, 1926.

Sinbad viu o mundo em maravilhosas aparições de côres, porêm não sonhou. Ildefonso Pereda Valdes é o sonhador: deu a volta ao mundo de seus sonhos. Não que lhe desinteresse o mundo das nossas duras realidades. Nem que lhe baste o sonho. Como êle mesmo diz no *Canto de Federico y Nicolas,* Montevidéo é pequeno para a sua ansiedade. Mas o melhor é transcrever todo o canto, um dos mais lindos da colecção:

Federico, Nicolás
hermanos mios.
Toda mi vida en amistad!

Dividamos el universo en tres partes
iguales, como buenos hermanos:
Ildefonso: el mar
Federico: la tierra
el cielo: Nicolás.

Audaces y fuertes
recorramos el mundo
para robar:
frutos en la tierra,
estrellas en el cicio,
sirenas en el mar.

Montevideo es pequeño
para nuesta ansiedad.
Solo en el puerto se puede respirar!
No oyen las sirenas de los barcos
que nos llaman?

Otro cielo, otro mar.
Federico, Nicolás
huyamos juntos, hay que viajar.

Montevidéo es pequeño
para nuestra ansiedad.

É esta ansiedade, aliás, que faz a musica destes poemas, em cuja melancolia há uma nota de aceitação sorridente, de lirica despreocupação, de heroica ironia, que de pronto enleiam. Imagens ingenuas e frescas:

Cuerdas de la guitarra
caminos de las arañas de los dedos!

Em *Alegria y Verdad* diz o poeta:

Me visto con el paisage
diariamente un traje nuevo.

E acaba:

Quiero ser un niño alegre
que va a caballo en un rio!

Nada há de barbaro neste livro. Antes é tudo polido, sutil e refinado, com um ar de desencanto civilisadissimo, pelo que me parece perigoso o seu titulo: levará a dizer que em Montevideo tambem já se faz Art Nègre. Gravuras em madeira de Maria Clemencia, admiravel pela violencia quasi cruel dos brancos.

ESMERALDINO OLYMPIO.

× × ×

«Evocação do Recife», o admiravel poema de Manuel Bandeira que damos neste número, foi publicado em primeira mão no album comemorativo do centenario do «Diario de Pernambuco», obra de realização material excellente e do mais alto interesse intelectual, que devemos á iniciativa e á orientação de Gilberto Freyre.

Continuaremos no proximo a publicação das «Memorias de D. Quiteria», de João Ribeiro, e dos Inéditos de Junqueira Freire, comentados por Afranio Peixoto.

Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud

SOCIEDADE ANONYMA

Capital		Frs. 100.000.000
Capital realizado	(Acções . . Frs. 100.000.000 (Obrigações Frs. 42.684.000	
Fundo de Reserva.		Frs. 17.000.000

Emprestimos sobre primeira hypotheca a curto e longo prazo, reembolsaveis a prazo fixo, ou por amortizações semestraes com direito a reembolso antecipado

Contas correntes garantidas por hypothecas e de movimento

Dinheiro para construcções

Abertura de credito para construcções de predios até 50 % do valor dos mesmos e terreno

Adeantamentos sobre titulos — Depositos em conta corrente e a prazo fixo

Séde social — Boulevard Haussmann, 39 — Paris

Succursal no Rio de Janeiro

44 — Avenida Rio Branco — 44

Agencia em São Paulo:

Rua Libero Badaró, 133

"Se quizerdes ser rico, ou permanecer rico, lêde Henry Ford".

ARTHUR BRISBANE.

Minha vida e minha obra

por HENRY FORD, de collaboração com SAMUEL CROWTHER

Nova traducção de MONTEIRO LOBATO

Saido em 1922 acha-se este grande livro transladado para o allemão, francez, finlandez, italiano, hollandez, polaco, russo, sueco, dinamarquez, tchecoslovaquo, hungaro, hespanhol e arabe, sommando as varias edições mais de dois milhões de exemplares, Henry Ford produziu uma das mais significativas obras desta geração. — (THE CENTURY).

A sensação deste livro é menos de um livro escripto do que de um homem que se senta deante de nós e conversa com facilidade, em tom impessoal, acerca da sua vida, das idéas que o nortearam, dos principios em que baseou o seu trabalho e da convicção que o anima sobre os effeitos da efficiencia na felicidade humana. — (NEW YORK TIMES).

Henry Ford revelou-se neste livro a mais alta individualidade america da sua geração. — (THE ATLANTIQUE MONTH).

Considero um dever meu para com o publico attrair a attenção de todo o mundo para este grande livro. — (EDWARD A. FILENE, em THE NATION).

E' o grande livro de um grande homem. — (ROBERTO BLATCHFORD).

EM TODAS AS LIVRARIAS — PREÇO: 4$000

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

RUA DOS GUSMÕES, 33 — S. PAULO

Já se encontra á venda nas livrarias do Rio de Janeiro e de São Paulo o livro que sobre a

Presidencia Bernardes

Intitulado

TERRA DESHUMANA

(A vocação Revolucionaria do Presidente Arthur Bernardes)

escreveu ha tres mezes, em Campos de Jordão, durante uma villegiatura que ali fez, o sr.

Assis Chateaubriand

O director do O JORNAL, naquellas montanhas suaves da terra paulista, meditou e escreveu sobre a personalidade complexa do actual presidente da Republica um ensaio sereno, sem qualquer eiva de paixão partidaria, como se estivesse recuado meio seculo do scenario dramatico dos dias actuaes da nacionalidade. Elle propoz-se fazer um estudo de pura substancia psychologica, com absoluta imparcialidade, procurando collocar-se fóra do ambiente esteril das facções para analysar as qualidades, os defeitos, as acções de alcance collectivo e os erros do homem que encheu o quadriennio de 1922-1926, da sua rispida e indomavel individualidade.

Tomando a acção publica do actual presidente, desde que elle se estreou como jornalista no hebdomadario da zona da Matta, denominado «A Cidade da Viçosa», até a sua derradeira grande campanha, que vem de encerrar victoriosamente: a da revisão constitucional, — o sr. Assis Chateaubriand projecta visadas sobre os aspectos mais interessantes do homem de governo que, por tantos titulos, será objecto, no futuro, de debates os mais vivos dos historiadores da quadra atormentada que acaba de atravessar o Brasil.

O Caraça, o famoso collegio, onde se educou o sr. Arthur Bernardes, com a tradição de severa e inflexivel disciplina, é objecto de um quadro que, por certo, ajudará por muito a explicar a formação mental do presidente com a ductil e rija vontade, que distingue todos os seus actos.

46337

Um bello presente para os Leitores do

"JORNAL"

Daremos gratuitamente 1 estojo completo, da afamada navalha de segurança AUTOSTROP (toda ella em metal dourado) com lamina, assentador e machina para afiar as navalhas:

1º.) Aos leitores do O JORNAL, que tomarem uma assignatura de 12 mezes do O JORNAL.

2º.) Aos assignantes, que renovarem suas assignaturas de 1 anno. Estas renovações podem ser feitas mesmo quando a actual assignatura vigorar até o fim de 1926.

3º.) Aos actuaes assignantes do O JORNAL, que conseguirem um assignante novo para O JORNAL, como tambem a esse novo assignante.

Para obter uma dessas navalhas preencha o coupon ao pé deste annuncio, e mande-o, junto com o preço da assignatura, ao gerente do O JORNAL.

O JORNAL enviará as navalhas aos seus assignantes, sob registro pelo correio, livre de onus para elles. Os assignantes do Rio de Janeiro podem obtel-as no balcão do O JORNAL.

Illmo. sr. gerente do O JORNAL, Rua Rodrigo Silva, 12 — Rio

Junto a este remetto-lhe a importancia de Rs. 50$000, para a assignatura de 1 anno do O JORNAL.

NOME.....

.....

ENDEREÇO.....

.....

CIDADE E ESTADO.....

.....

O JORNAL distribue diariamente premios aos seus leitores

Cruzwaldina

Acreditado Desinfectante fabricado pela

Societé Anonyme du Gaz de Rio de Janeiro

Com vinte annos de ininterrupto successo

Medalha de Ouro na Exposição Nacional de 1908

O mais popular de todos os desinfectantes

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO DO BRASIL — RIO DE JANEIRO.